



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA**

VIVIANE KATE PEREIRA RAMOS

**HOMOAFETIVIDADE: DISCURSOS E PRÁTICAS
CONTEMPORÂNEAS, APROPRIAÇÕES HELÊNICAS**

**CAMPINA GRANDE – PB
ABRIL DE 2014**

VIVIANE KATE PEREIRA RAMOS

**HOMOAFETIVIDADE: DISCURSOS E PRÁTICAS
CONTEMPORÂNEAS, APROPRIAÇÕES HELÊNICAS**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em História, da Unidade Acadêmica de História, da Universidade Federal de Campina Grande, para obtenção do título de Bacharel em História.

ORIENTADORA:

Profa. Dra. MARINALVA VILAR DE LIMA

CAMPINA GRANDE – PB
ABRIL DE 2014



R175h Ramos, Viviane Kate Pereira.
Homoafetividade: discursos e práticas contemporâneas, apropriações helênicas. / Viviane Kate Pereira. - 2014.

69 f.

Orientadora: Professora Dra. Marinalva Vilar de Lima.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Humanidades; Curso de Licenciatura em História.

1. Homoafetividade. 2. Homophilia. 3. Grécia clássica - homoafetividade. 4. Homossexualidade na antiguidade clássica. 5. Gregos - homossexualidade. 6. Discursos religiosos - homossexualidade. 7. História da homossexualidade - Grécia. 8. História da sexualidade. 9. Relações homoafetivas - antiguidade. 10. Intolerância social. I. Lima, Marinalva Vilar de. II Título.

CDU: 94-055.34(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

VIVIANE KATE PEREIRA RAMOS

**HOMOAFETIVIDADE: DISCURSOS E PRÁTICAS
CONTEMPORÂNEAS, APROPRIAÇÕES HELÊNICAS**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em
História, da Unidade Acadêmica de História, da
Universidade Federal de Campina Grande, para obtenção
do título de Bacharel em História.

Aprovada em: _____ de _____ de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marinalva Vilar de Lima / UFCG
ORIENTADORA

Prof. Dr. Celso Gestermeier do Nascimento / UFCG
EXAMINADOR

Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó / UFCG
EXAMINADOR

Dedico este trabalho a todos àqueles que acreditam que a ousadia e o erro são caminhos para as grandes realizações.

AGRADECIMENTOS

Ao final deste ciclo da minha vida, vejo muitas pessoas que tornaram este trabalho possível de maneira direta e indireta, inspiraram-me, encorajaram e apoiaram-me nos momentos mais conturbados.

Assim sendo, dedico esta vitória a meu avô Manoel Galdino, in memoriam, que me ensinou o poder do trabalho e da persistência, sem seus ensinamentos e afeto eu não teria tido forças para lutar por meus sonhos, graças a seus esforços e incentivos aprendi o valor dos estudos e a importância de lutar sempre e independentemente do tamanho dos obstáculos. Dedico ainda, a dois grandes exemplos de superação: Anderson Xavier e Maria Francisca, que com garra e determinação superaram grandes dificuldades para poderem estudar e oferecer uma vida mais digna a suas famílias, grandes amigos (irmãos) com quem partilhei momentos inesquecíveis com a beleza de uma verdadeira amizade regada com amor, respeito, caráter e força de vontade, sonhos interrompidos ainda em 2013, deixando saudade e um legado de muita sabedoria por onde passaram.

Agradeço imensamente a minha mãe, Eunice Pereira, pessoa mais importante para mim, detentora de uma força e determinação admirável, que me deu a vida, em todos os sentidos, promoveu meu conforto, meus valores e minha esperança com a ajuda valiosa da minha avó, Eunice Galdino, e minha tia Maria – três mulheres que, até hoje, são verdadeiras guerreiras que sempre me apoiam e aconselham.

Sou grata pelo carinho, compreensão e apoio de tantos anos da minha companheira Dayanne Azevedo, suas críticas e companheirismo foram fundamentais para meu amadurecimento e tornou os dias de “trovoada” em esperança e determinação, contribuindo de forma valorosa para a conclusão de mais este sonho.

À professora e orientadora, Marinalva Vilar, meus sinceros agradecimentos pela paciência e incentivo para a continuidade da pesquisa nos momentos mais difíceis, pelas contribuições que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

À Michelly Cordão por seu apoio e inspiração no amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos que me levaram a iniciar a pesquisa para esta monografia.

Não poderia deixar de mencionar o apoio e o carinho dos meus irmãos: Artur, Maria e Dyogo para que todas as dificuldades fossem superadas e que mais esta fase fosse concluída.

Aos amigos e colegas, em especial, Selma Araújo, Rafael Oliveira, Rafael Gonçalves pelas contribuições e incentivo.

Por fim, agradeço a todos os mestres que já passaram em minha vida, todos fundamentais para a elaboração desta pesquisa e de tantas outras realizações. Aos funcionários da Unidade Acadêmica de História da UFCG com quem tive o prazer de conviver durante a graduação.

“A história rejuvenesce e transforma-se a cada século, porque cada qual estuda o passado sem esquecer as preocupações do presente. Vemos nele o que o século anterior não via, e talvez o passado ainda guarde segredos que outros verão depois de nós. O passado é como um espelho no qual procuramos nossa imagem. A história muda de acordo com as ideias que fazemos de cada época” (François Hartog, O século XIX e a história: O caso Fustel de Coulanges).

RESUMO

As relações de *homophilia* na Grécia Clássica foram analisadas ao longo do tempo através de conceitos e costumes modernos, resultando em leituras anacrônicas, por parte do segmento LGBT (Lésbicas, Gays, bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), fundamentalistas católicos, protestantes e evangélicos, enquanto práticas *homossexuais* a fim de legitimar discursos contrários ou a favor das relações entre indivíduos do mesmo sexo. De acordo com as leituras formuladas por defensores da diversidade sexual, a homossexualidade existiu e era praticada sem reprovação pelos gregos antigos, para assim, legitimar as relações homossexuais na contemporaneidade e desautorizar os discursos de religiosos Cristãos fundamentalistas que condenam a homossexualidade, argumentando que tais práticas são *imorais*, consideradas pela tradição presente na Bíblia como um *pecado contra a natureza*. Em contrapartida, Católicos, Protestantes e Evangélicos radicais, defendem que a Grécia desse período histórico era *imoral* tomando como referência a noção de sexualidade herdada do pensamento judaico-cristão, ou ainda, afirmam que já no período clássico as relações entre iguais eram reprovadas, e até mesmo combatidas, pois, de acordo com estas leituras os gregos antigos viam as relações de *homophilia* como *antinaturais*, e assim, buscam justificar historicamente a não aceitação das relações entre indivíduos do mesmo sexo.

PALAVRAS-CHAVE: Homophilia; Grécia Clássica; LGBT; Católicos; Protestantes.

ABSTRACT

The relations about *homophilia* in Classical Greece were analyzed over time, through concepts and modern customs, resulting in anachronistic readings, by the LGBT segment (Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender), fundamentalists Catholics, Evangelicals and Protestants, while *homosexual* practices to legitimate arguments against or in favor of relations between individuals of the same sex. According to the readings made by advocates of sexual diversity, homosexuality existed and was practiced by the ancient Greeks without reproach, to thereby legitimize homosexual relationships in contemporary and disallow the discourses of fundamentalists Christians religious who condemn homosexuality, arguing that such practices are immoral, considered by this tradition in the Bible as *a sin against nature*. In contrast, Catholics, Protestants and radicals Evangelicals argue that Greece was *immoral* that historical period with reference to the notion of sexuality inherited from the Judeo-Christian thought, or even claim to have in the classical period the relations between equals reprovved, and even fought therefore, according to these readings the ancient Greeks saw *homophilia* relations as *unnatural*, and thus seek to historically justify the rejection of relations between individuals of the same sex.

KEYWORDS: Homophilia; Classical Greece; LGBT; Christian Church.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - SEXUALIDADE, HISTÓRIA E MÉTODO	18
1.1 OS ANTIGOS E A SEXUALIDADE.....	18
1.2 POR UMA HISTÓRIA DA SEXUALIDADE	23
CAPÍTULO II - PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS, APROPRIACÕES ANTIGAS	30
2.1 PEDERASTIA E RELAÇÕES ENTRE IGUAIS NA GRÉCIA ANTIGA:	30
2.2 INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS:	36
2.3 MOVIMENTO LGBT:	44
CAPÍTULO III - RELAÇÕES HOMOAFETIVAS, INTOLERANCIA SOCIAL	52
3.1 – Analisando Experiências:	52
CONCLUSÃO	62
BIBLIOGRAFIA	65
FONTES	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

Com o alargamento das pesquisas realizadas pela História Cultural, após a segunda metade do século XX, houve um expressivo aumento do número de trabalhos historiográficos que abordam os diversos aspectos da cultura greco-romana, as questões mais conflituosas se referem à sexualidade desses povos. É notório que estudos realizados sobre a temática apresentam forte influência do olhar judaico-cristão em suas abordagens, culminando em afirmativas acerca de aspectos socioculturais das sociedades antigas que se dão de forma equivocada e preconceituosa por não priorizarem as particularidades dessas sociedades e o período histórico a que se referem.

A partir do século XIX, houve um crescente interesse do homem pelo estudo das ciências e esses estudos científicos levaram a criação de novos conceitos, como o de “homossexualidade” (do grego *homo* “igual” e do latim *sexus*) e com o tempo surgiram conceitos de “heterossexualidade” e “bissexualidade”. Diante disso, fica claro a influência de duas concepções bastante diversas de sexualidade em nossa sociedade, a tradicional: ligada à ideia de *moral cristã*, e a abordagem derivada da ciência, no entanto, para entendermos as ideias que os gregos tinham de *sexualidade* é necessário nos despirmos destas duas concepções que não existiram na Grécia.

Dessa forma, realizamos a presente pesquisa a partir de documentos que foram selecionados de sites responsáveis pela publicação de temas de interesse de Católicos, Protestantes e comunidade pró-lgbt, tendo em vista que a maior quantidade de debates e publicações desses grupos sobre a homossexualidade, e tantos outros assuntos, é amplamente compartilhada via internet, dessa forma os discursos desses grupos conseguem ser divulgados em ampla escala.

As documentações contemporâneas, que usamos para analisar os discursos da época, são de finais do século XX ao início do século XXI, e apontam os caminhos que vêm sendo percorridos por Católicos, Protestantes e Evangélicos, bem como, da população LGBTs¹ (Lésbicas, Gays, bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Estes documentos contribuem de forma expressiva para entendermos este processo onde vieses ideológicos díspares se confrontam, cotidianamente, formando uma diversidade de posicionamentos

¹O uso dessa sigla LGBT é usado considerando a recomendação da ABGLT (Associação brasileira de gays, lésbicas, travestis, transexuais e Transgêneros), a fim de dar maior visibilidade ao segmento lésbico no ativismo brasileiro, dessa forma, utiliza-se a sigla LGBT em substituição a GLBT. A adoção dessa terminologia em Junho de 2008 encontra-se em consonância com as tendências internacionais, por projetar a atuação das lésbicas na superação da ideologia patriarcal e da dominação masculina.

tomados a partir de discursos que adotam como eixo orientador argumentos que vão desde questões bíblicas, a apropriações de práticas culturais pertencentes a sociedades antigas, nesse caso, mais especificamente da sociedade grega, ocasionando, assim, transformações significativas no nosso cotidiano.

As fontes analisadas para desenvolver os debates acerca do panorama histórico e cultural da Grécia Clássica e que possibilitaram entender as relações entre iguais e suas particularidades, contrapondo as apropriações realizadas em nossa sociedade desta prática *pederástica*, são obras de Platão (finais do séc. V e início do séc. IV a.C): *O Fedro* que apresenta a ligação, necessária, entre palavra e alma, onde o amor é o que mais aproxima o homem da essência do *belo*, desde que a alma deste esteja preparada para compreendê-lo; *O Banquete* é um diálogo onde pode-se ver Sócrates, Aristófanos, Ágaton, entre outros convidados, discursando sobre o amor, é nesse contexto que encontramos as ideias acerca das virtudes que um jovem deveria possuir para que as relações pederásticas pudessem ser legítimas. Além destas, outra obra utilizada para analisar as relações entre iguais nessa sociedade foi o *Banquete* de Xenofonte: diálogo homônimo da obra platônica, em que podemos observar, através dos discursos elaborados pelos convidados do banquete, os debates sobre a conduta dos envolvidos na pederastia, as delimitações identitárias dos mesmos e o tempo que as relações deveriam começar e findar entre outros aspectos que deveriam reger a relação entre iguais.

Por vezes, entendemos algumas práticas do mundo atual como uma herança cultural direta do passado, como é o caso da sexualidade grega que por diversas vezes passa por apropriações na contemporaneidade, quando na verdade estamos fazendo uma releitura daquele passado, pensando nossa herança cultural como forma de legitimar aspectos que são inerentes a cultura Ocidental na atualidade.

Nesse sentido, a questão central desta pesquisa é a problematização da produção do campo discursivo sobre a homoafetividade. Do universo dessa produção trazemos para o debate as apropriações de modelos homoafetivos helênicos enquanto substratos que subsidiam conceitos e respaldam costumes contemporâneos.

Analisar as relações homossexuais no quadro histórico atual revela como o passado é explicado pelas experiências conhecidas na atualidade e como este é tomado como eixo explicativo e exemplo para dar ou não credibilidade a práticas contemporâneas. É o desejo de legitimar convicções ideológicas e religiosas que serve de estímulo para que esses grupos se reportassem até o passado em busca de respostas para os conflitos atuais.

Assim, o objeto de estudo que desenhamos diz respeito a, pelo menos, dois modelos de discursos: um exemplo está presente na elaboração de um discurso oficial e articulado contrário às práticas homoeróticas, ao casamento gay e às principais bandeiras dos movimentos LGBT, realizado por membros de Igrejas Católicas, Protestantes e Evangélicos radicais, através de leituras das relações homossexuais de modo homofóbico, sob respaldo de um exercício de apropriação das relações de *pederastia*², apropriações estas que aplicam a relação entre iguais o mesmo caráter da homossexualidade presente na sociedade contemporânea.

Em um primeiro momento, estes discursos orientados por preceitos cristãos alegam ser a Grécia Antiga um *paraíso sexual*, onde “antes de Nosso Senhor Jesus Cristo pregar entre os homens a Boa Nova do Evangelho reinava a devassidão moral”³, nas palavras de Mons. João Sconamiglio Clá Dias, numa perceptível crítica aos deuses greco-romanos.

Quando a afirmativa da aceitação dos gregos antigos as “relações homossexuais” são tomados por segmentos de defesa das práticas homoeróticas, a fim de mostrar a intolerância e o conservadorismo dessas religiões para com os homossexuais, obras de escritores da época, como é o caso dos livros de Platão, são utilizados para comprovar que muitos cidadãos gregos condenavam essa prática.

Segundo H. I. Marou, essa afirmativa supracitada ficaria clara na seguinte passagem do diálogo *Fedro* 231e: “... vocês têm medo da opinião pública, e temem que as pessoas descubram seus casos amorosos e vocês sejam desgraçados”⁴, porém, fatores são postos de lado quando o ativista usa desta passagem para legitimar seu discurso e que talvez tenha sido intencionalmente ignorado para associar a Grécia Clássica aos moldes morais da sociedade contemporânea. E sendo os helenos vistos como modelo de povos civilizados, então, o que seria melhor para justificar suas ideologias sociais, políticas e religiosas?

² Proveniente do grego “*Paidierastia*”, que é a junção de outras duas expressões gregas – *país* (“criança”) e *erân* (“amar”) - o termo *pederastia*, de acordo com as pesquisas historiográficas atuais, denotava na Atenas do período clássico o sentido educativo, sendo a combinação do processo preparatório do futuro cidadão ateniense com o amor metafísico só conhecido entre os homens (VRISSIMTZIS, 2002: 101-102), tendo como principal objetivo a preparação do jovem para a inserção deste no seio da sociedade ateniense. Teria surgido por volta do século VI a.C. e durou até o fim do século IV a.C., podendo ser mais antiga, porém, as fontes não fazem referências significativas (VRISSIMTZIS, 2002, p. 101)

³ DIAS, João Sconamiglio Clá. **A Igreja é imaculada e indefectível**. São Paulo, 2010. Acesso em: 15 de Fevereiro de 2011. Disponível em: <http://www.arautos.org/desagravo/documento.pdf>. Pg. 02

⁴MARROU, H. I. **O Mito do Homossexualismo na Grécia Antiga**. 2007. Acesso em: 28 de Janeiro de 2013. Disponível em: <<http://www.roberto-cavalcanti.blogspot.com.br/2007/05/o-mito-do-homossexualismo-na-grcia.html>>.

No site intitulado “*PROVIDAFAMÍLIA*”, Júlio Severo, obreiro na *Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra* e considerado o ativista pró-família mais proeminente do Brasil, publicou um artigo onde diz responder questões acerca da homossexualidade, o artigo “Ao Movimento Homossexual” é uma resposta aos debates levantados pelo segmento LGBT a partir do conteúdo do livro publicado pelo mesmo e cujo título é “O Movimento Homossexual”. Entre os vários assuntos presente no artigo, que vão desde questionamentos sobre a origem genética da homossexualidade, o autor debate a presença dessas relações na sociedade grega antiga como vemos a seguir:

Na cidade de Corinto, na Grécia antiga, havia indivíduos envolvidos no pecado da imoralidade, idolatria, adultério, homossexualismo, roubo, etc. Alguns começaram a ir para a igreja e experimentaram a manifestação do poder sobrenatural do Espírito Santo. Então eles foram totalmente transformados!⁵

Esse discurso busca assinalar os aspectos imorais e ilegítimos das relações homo, comparando a homossexualidade às relações pederásticas na Grécia Antiga, aplicando valores contemporâneos a uma cultura temporalmente distante da nossa e, também, justificando que os gregos chegaram a tolerar tal prática porque eram *pagãos*⁶ e, portanto, não existia uma moral presente na mesma, nesse sentido, os gregos teriam obtido a salvação a partir da “renúncia de seus pecados” no momento que buscaram as Igrejas.

Tal análise foi amplamente divulgada em nossa sociedade por muitos anos, investindo de sentido negativo as práticas religiosas e culturais como a pederastia, e, conseqüentemente, expõe os gays como *amorais* por não estarem em consonância com os preceitos morais cristãos, bem como aquelas presente na sociedade grega antiga.

Outro modelo discursivo é formulado pelo segmento LGBT e membros de nossa sociedade que defendem os direitos destes grupos; trata-se de uma apropriação das relações de *pederastia* entre os gregos afirmando que a homossexualidade sempre existiu e na Grécia Antiga foi amplamente aceita, a fim de aplicar às relações homossexuais na sociedade contemporânea ideias que proporcionem uma aceitabilidade dessas relações de modo a lhes

⁵ SEVERO, Júlio. **Resposta ao Movimento Homossexual**. Acesso em: 27 de Agosto de 2013. Disponível em: <<http://providafamilia.org/doc.php?doc=51884>>.

⁶ Aquele que segue uma prática religiosa assente na crença em vários deuses. O cristianismo condena o paganismo acusando-os de não seguir princípios tidos como *verdadeiros*. Os deuses são expostos como adúlteros, violentos, símbolos da *imoralidade* que serviam de exemplos para seus seguidores. A expressão é empregada pelos cristãos para nomear o culto aos deuses tradicionais e vai ser consolidada por Santo Agostinho na sua obra “A cidade de Deus”.

“autorizar”, indo contra o fundamentalismo religioso que lhes aplicaram o status de “*antinaturais*”.

Na passagem do século XX para o século XXI, é possível perceber o aumento dos debates em torno da homossexualidade no segmento religioso jurídico, que possibilitaram a ampliação de debates sobre as diversas faces da sexualidade humana e, conseqüentemente, as questões entornam dos direitos de gays, lésbicas e transexuais, a nível internacional. Nessa conjuntura social, política e religiosa, o segmento LGBT luta por direito a uniões civis, adoção de crianças e pelo recebimento de benefícios previdenciários de seus parceiros, e os transexuais querem o direito de realizar cirurgias de readequação do sexo e ter sua identidade de gênero respeitada.

Em meio a este processo, as relações de *homophilia*⁷ que na sociedade grega antiga tinha como objetivo principal unir os cidadãos da *polis* entre si, nas esferas cívica e pública, quanto nas esferas pessoal e privada, passa por um processo de *atualização* a fim de legitimar discursos elaborados por seguimentos religiosos, mais especificamente discursos de católicos, protestantes e evangélicos, que buscam comprovar uma *imoralidade* e a conseqüente renúncia às relações entre pessoas do mesmo sexo, tidas como pecado pelas leis morais que regem o cristianismo.

Logo, levar em consideração concepções e interesses pessoais mediante uma leitura de caráter universalista, implicará em leituras equivocadas que resulta na perda de muitas informações ricas acerca da história social, político e cultural desses povos, sendo assim, para Chartier:

No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo⁸.

Percebemos, assim, que o autor chama a atenção para a necessidade de historicizar a leitura dos textos, evitando que esses sejam compreendidos de forma a julgarmos que eles possuam significados independentes, de forma a não levarmos em consideração os sentidos que são aplicados a esses textos pelo leitor.

São questões como estas que evidenciam a necessidade e a importância de realizarmos novas leituras da Bíblia, através do método histórico-crítico, possibilitando-nos, dessa forma,

⁷ Palavra do grego *homo* “igual” e *philia* “amigo”, ou seja, amizade entre iguais.

⁸ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad.: Maria Manuela Galhardo, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p.24.

situar as narrativas bíblicas de acordo com seus respectivos ambientes socioculturais e seus métodos de expressão próprios. O uso desse método levaria a uma leitura não radical e literal da Bíblia, além de abrir caminhos para novas compreensões.

Pois, entendemos que, a sexualidade é um assunto que, por ora, desperta o interesse de várias gerações por ainda ser tratada como um tabu, um mistério a ser desvendado e que se encontra bastante ligado às questões políticas, religiosas e ideológicas, principalmente quando se trata de práticas sexuais que não são tidas como naturais por divergir dos ensinamentos divinos tão presente nas narrativas bíblicas. Sendo a comunidade cristã responsável historicamente por fabricar a heterossexualidade como padrão de comportamento hegemônico, práticas que a questionem são combatidas.

Acreditamos ser impraticável a análise de qualquer historiador e de sua obra e, conseqüentemente, de determinada civilização se não levarmos em consideração o ambiente cultural, político, moral que seja objeto de estudo do historiador. Dessa forma, esta pesquisa propõe que se deve lançar outro olhar sobre os aspectos culturais da sociedade grega, estudando os rastros deixados por este passado longínquo respeitando suas particularidades culturais sem julgá-los a partir de um olhar contemporâneo, de forma a enquadrar normas sociais, práticas sexuais e culturais, dentre outros aspectos as que foram vivenciadas pelos antigos. Movimento que procuramos realizar a partir de uma constante análise dos efeitos de apropriação por que passam ideias, padrões de comportamento, costumes, dentre outros, dos antigos pelos contemporâneos.

Foucault, na obra *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*, ao historicizar as práticas sexuais vigentes no mundo grego, mostra a plasticidade das formas do desejo denunciando como nossos prazeres foram socialmente construídos. Ver como se constituíram os padrões “normais” de comportamento social em um determinado período da história traz grandes contribuições para alargar nossa experiência de vida e ajuda a entender que existiram e existem estruturas sociais e culturais que diferem daquelas que vivenciamos no ambiente em que estamos inseridos. Nesse sentido, estudar as formas antigas da sexualidade pode oferecer oportunidades privilegiadas para problematizarmos categorias como a de *masculinidade* e *feminino*.

Portanto, traremos para a presente pesquisa um debate que, apesar de não ser novo, tem tomado grandes dimensões na contemporaneidade devido às lutas por respeito, direitos e cidadania no que concernem as relações homossexuais em diversos países, em meio a diversas opiniões que misturam direitos civis e convicções religiosas diversas e que, apesar

dos inúmeros conflitos causados pelas oposições pró-gays e a marginalização desses relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, nos conduz a refletir sobre muitas *verdades* históricas que, muitas vezes, reserva as culturas de sociedades antigas múltiplas interpretações influenciadas por uma época, cultura, ideologia, que não pertencessem às mesmas.

CAPÍTULO I

SEXUALIDADE, HISTÓRIA E MÉTODO

1.1 OS ANTIGOS E A SEXUALIDADE

O posicionamento das sociedades Greco-romanas, no tocante ao ato sexual, difere significativamente em relação à “moral sexual cristã”: a Antiguidade teria dotado tal fator de significações “positivas”, o que não implica dizer que as mesmas não possuíssem uma moral presente em suas sociedades.

Para os gregos, bem como para os romanos, a sexualidade estava intimamente ligada à religiosidade, principalmente ao culto à fertilidade, diferente dos valores que são empregados à mesma na sociedade atual, onde a mesma está intimamente ligada às relações sexuais classificadas entre *naturais* e *anormais* a partir dos dogmas do cristianismo. Os *objetos fálicos*⁹ fortemente presente no cotidiano da Roma antiga, dos egípcios, gregos e etruscos não eram caracterizadas como pornografia e não remetiam necessariamente ao sexo em si, mas aos *valores simbólicos* a ele atribuídos, só com a expansão do cristianismo em suas múltiplas vertentes é que passa a haver uma repressão em relação a sexualidade e as formas de representação da mesma.

Na Grécia, encontramos vasos elaborados com intenções religiosas onde é representado o *Matrimônio Sagrado*, ritual de caráter agrário em que se buscava a fertilidade e estava diretamente ligado ao culto a Dionísio, além desses, tinham vasos com representações de falos que pretendiam afastar o mal.

Já em Roma, esses objetos estavam presentes nas paredes, como pingentes em colares, em anéis, e serviam, muitas vezes, de amuleto e, também, contra o mau-olhado e o azar. Entretanto, faz-se importante enfatizar que essas sociedades recodificaram e empregaram significados específicos dentro de cada universo cultural que compunham as mesmas, não sendo possível tomar tais práticas de forma universalista.

Estas práticas culturais causam grande estranhamento em nossa sociedade por se tratar de uma referência sexual tão explícita. Isto se deve à incorporação de restrições e de normas

⁹ O caráter religioso dos *falos* pode ser atestado pelos cultos fálicos e pela existência do falo em procissões e templos. Nos Museus dos sítios arqueológicos de *Segobriga* e *Empurias*, na Espanha, além de *Conimbriga* em Portugal, estão expostos diferentes tipos de objetos fálicos. Mas é, sobretudo na cultura material oriunda da região de Pompéia que encontramos o maior número de exemplares, preservados pelas lavas e cinzas do Vulcão Vesúvio, de forma quase intacta, até as primeiras escavações no século XVIII.

sociais que diante de uma noção contemporânea que concebe a exposição dos órgãos sexuais como algo erótico, esses símbolos de “caráter sexual” foram entendidos como obscenos e, conseqüentemente, *amorais*. Por vezes, muitos aspectos culturais e religiosos dessas sociedades são analisados de forma universal, sem o cuidado de analisar questões particulares desses povos de forma a não tecer afirmativas que expressem nossas convicções morais contemporâneas e, às vezes, pensando a herança cultural como forma de justificar ou legitimar práticas presente em nossa sociedade atual.

Na maioria das vezes, olhamos para essas sociedades buscando nelas uma resposta para as questões do nosso interesse, como é o caso das relações de homossexualidade em nossa sociedade, que são tomadas pelos discursos contemporâneos, como uma *relação pederástica*, seja para legitimar ou desqualificá-las socialmente, segundo nossas convicções político-ideológicas e religiosas.

Por muito tempo, considerou-se que as relações entre pessoas do mesmo sexo em Roma, a *amicitia* romana, tivessem se dado a partir da imitação de um costume aprendido com os gregos, mas existem características que diferem esta prática, das relações de *philia* grega. Entre os romanos, o que contava era não ser *escravo* nem *passivo*, pois estes perfis indicavam inferioridade e fraqueza, além disso, a relação entre os romanos não era “pedagógica”. Em Roma, o efebo livre por nascimento era substituído pelo escravo, que servia de favorito, nessa sociedade os homens deviam exercer papel ativo seja nas relações com outros homens ou com mulheres.

No mundo romano, os discursos acerca da sexualidade e do autocontrole estavam ligados à preocupação com as relações sociais de poder e submissão que estavam implícitas no sexo e que determinavam a posição de cada um na sociedade, assim sendo, “*a atividade sexual corresponde a uma livre virilidade, enquanto a passividade corresponde à servidão. Obtém-se prazer quando se é livre; dá-se quando se serve*”¹⁰. Nesse período, entende-se que a mulher era um ser passivo em sua natureza e, por isso, estaria a serviço do homem.

Um nobre podia ter escravas que lhe serviam de concubinas, um ou mais favoritos – a relação do nobre com estes, muitas vezes, despertava ciúmes na senhora –, em contrapartida, um nobre romano deveria tratar com consideração sua esposa, pois poderia partir dela a ruptura do casamento e, conseqüentemente, a mesma podia levar seu dote, por isso, na maioria dos casos, estas relações eram mantidas em sigilo. O casamento, por sua vez, era um

¹⁰ CATONNÉ, 1994, p. 40.

ato privado e não tinha a interversão de qualquer magistrado, civil ou religioso, para sancioná-lo.

Sobre o assunto Paul Veyne destaca:

A lei Scantinia, que data do ano de 194 antes de nossa era, é confirmada pela verdadeira legislação sobre a matéria, que é da época de Augusto: protege o adolescente livre da mesma maneira que a virgem nascida livre¹¹.

Observa-se, assim, que o importante era respeitar as mulheres casadas e as virgens, para garantir que os filhos dessas relações fossem legítimos, e os adolescentes livres por nascimento, para que esses não fossem colocados diante de situações que lhes equiparassem a um escravo ou uma mulher. Dessa maneira, o importante não era o sexo do indivíduo, mas sim, a postura máscula e viril do homem romano frente ao ser escravo e passivo, logo, as relações de homophilia não eram objetos de impedimento, mas pretendia-se manter o jovem cidadão protegido de qualquer prática que lhe impusesse passividade.

Na sociedade grega antiga, as mulheres não tinham direitos políticos, o papel destas era o de mãe e de filha. Devemos elucidar, sobretudo, que as relações pederásticas ocorriam somente entre os cidadãos e futuros cidadãos de Atenas; as camadas sociais inferiores não participavam de tal processo e que no período clássico eram considerados “cidadãos” apenas os homens nascidos em Atenas e filhos de pais provenientes de famílias atenienses, os chamados eupátridas¹². Acreditava-se que o vínculo estabelecido entre esses cidadãos resultaria em uma relação recíproca que substituiria as relações hierárquicas de submissão e de domínio, por uma união entre iguais, através da *pederastia*, prática importante na formação dos futuros cidadãos grego¹³.

Em relação às posturas dos gregos acerca das relações entre iguais, pode-se afirmar que os mesmos não reprimiam as relações entre iguais e as viam, por meio das relações pederásticas, um rito de iniciação nobre que tinha por objetivo maior, preparar os jovens do sexo masculino, quando esses atingissem a idade adulta, para exercerem seu papel enquanto cidadãos da *polis*, assim para Vernant:

Esta semelhança cria a unidade da *polis*, porque, para os gregos, só os semelhantes podem encontrar-se mutuamente unidos pela *philia*, associados numa mesma comunidade. O vínculo do homem com o homem vai tomar

¹¹ VEYNE, Paul. A homossexualidade em Roma. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (Org.). **Sexualidades Ocidentais**. Trad.: Lygia Araújo Watanabe, Thereza Christina Ferreira Stummer. Editora Brasiliense. 1987, p.43.

¹² MOSSÉ, 1993, 43.

¹³ VERNANT, 1996, p. 42.

assim, no esquema da cidade, a forma de uma relação recíproca, reversível, substituindo as relações hierárquicas de submissão e de domínio¹⁴.

Entretanto, na maioria dos casos a homofilia era considerada censurável, mas não segundo a nossa moral, pois de acordo com as interdições presentes na Sociedade Grega Clássica, os cidadãos deveriam evitar os excessos e a passividade, considerados indignos, sem valor, podendo o homem (cidadão) perder o status social.

Consideramos ser inadequado olhar para a Antiguidade como o paraíso da *não repressão*. Logo, imaginar que ela tenha sido uma época desprovida de princípios é não respeitar a importância da cultura do “outro” e ter um olhar que privilegia as experiências político-sociais e culturais de que participamos enquanto sujeitos da contemporaneidade. Portanto, pensamos que a prática historiadora deva se dar a partir da não hierarquização das épocas históricas, atentando para o fato de que nossas convicções não são mais valorosas que as de outras civilizações.

Por outro lado, nossa sociedade ainda sofre influências significativas do pensamento religioso que está pautado nos argumentos bíblicos que condenam qualquer prática sexual dita desviante, entre elas as relações de indivíduos do mesmo sexo, segundo a primeira epístola de Paulo aos Coríntios: “Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganéis: nem impuros, nem idolatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas”. (6: 9).

Enquanto que os gregos, bem como os romanos, não classificavam as condutas de acordo com o sexo, nem se pode afirmar que existia uma divisão dos sujeitos em homossexuais, heterossexuais ou bissexuais, porque tais termos inexistiam na sociedade grega e romana porque as pertenças sociais não se respaldavam na ideia de “sexualidade”, mas de acordo com suas posturas passivas ou ativas no âmbito político-social. Ser passivo era um sinal de lascividade, não por ser um dos efeitos de sua falta de virilidade, já que esta era um aspecto pertencente à figura feminina.

Dover na obra “A homossexualidade na Grécia Antiga” argumenta que as:

Representações de Ganimedes e Titono, mortais lendários cuja beleza excitava até mesmo as divindades, nos permitem definir os critérios da beleza masculina, e podemos observar que os mesmos critérios são satisfeitos na representação de deuses eternamente jovens (notadamente

¹⁴ VERNANT, Jean-Pierre. **As Origens do Pensamento Grego**. Trad.: Isis Borges B. da Fonseca. 9 ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1996. P. 42

Apolo) e de meninos ou jovens representados como sendo perseguidos, cortejados ou abraçados por amantes humanos comuns¹⁵.

Diferentemente dos cristãos, o credo dos gregos era fundado na crença em muitos deuses que encarnavam características relacionadas às forças da natureza, mas que, também, estavam intimamente ligados aos homens, possuíam desejos, sentiam ódio e amor, circulavam pelo mundo dos homens e estavam em constante intercâmbio com eles. A adoração aos deuses era realizada por meio de representações que objetivavam aproximar o mundo dos mortais ao mundo dos deuses, tais representações se encontravam nas produções artísticas que faziam referência a eles.

O importante é compreender que essa natureza diversa do culto grego antigo tem suas concepções de vida em sociedade baseada na adoração ao corpo, está relacionada de forma direta a filosofia do culto ao *belo*, onde se buscava um ideal de perfeição, harmonia, equilíbrio e graça, estando associada a questões filosóficas, ideológicas e religiosas.

Portanto, a religiosidade para os gregos consistia na observância dos ritos culturais que exprimiam o respeito, a veneração e a deferência dos homens pela divindade, e que consistiam, sobretudo, em oferendas sacrificiais e *votivas*. E esse estranhamento diante da cultura do “outro” leva a demarcação das diferenças entre o “eu” e aquele que é estranho aos meus olhos para encontrar argumentos que desautorize a cultura do “outro” e legitime minhas tradições culturais, acarretando numa série de discursos que são elaborados a fim de mostrar uma sociedade grega sem princípios morais e disseminadoras de práticas imorais.

A religião cristã, baseada no conceito de culpa, no “pecado original”, viu o *corpo* como pecaminoso e fonte de tentação, como diz o apóstolo Paulo: “E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte” (II Coríntios 12:7), ou seja, os pecados da carne impedem à redenção da alma, provocando uma luta interior que divide o ser humano entre a *carne* e *espírito*.

Essas concepções alteraram de forma expressiva, concepções empregadas por sociedades antigas a símbolos e práticas ligadas a sexualidade, pode-se citar o caso de grandes esculturas que apresentavam corpos desnudos e estavam presente em todos ambientes da sociedade grega, eram uma expressão do *belo*¹⁶. O falo, que na sociedade greco-romana foi

¹⁵ DOVER, Kenneth James. **A homossexualidade na Grécia Antiga**. Trad.: Luís Sérgio Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 1994. Pg. 20.

¹⁶ Na constante busca da perfeição, o artista grego cria uma arte intelectual onde se predominava o ritmo, o equilíbrio e a harmonia ideal, a mitologia grega engrandecia o amor e a beleza. Na escultura, o antropomorfismo – esculturas de formas humanas – os gregos foram os melhores escultores que a história conheceu, com a

tido como símbolo mágico-sexual, também ganhou conotações negativas e as relações entre pessoas do mesmo sexo foram colocadas como práticas demoníacas, *antinaturais* que deveriam ser combatidas, tomando conotações negativas em nossa sociedade ocasionando, assim, visões e atitudes preconceituosas sobre as mesmas. E isso difere da sociedade grega clássica, que prezava pelos ensinamentos e os laços que fortaleciam os cidadãos e a *Polis*, como se pode ver na passagem do *Banquete* de Platão:

De meu lado, não sei de maior benção para um jovem no começo da vida do que um amante virtuoso, nem para este do que um amigo nas mesmas condições. O que deve servir de norma de conduta para os que se propuserem a viver de bela e retamente não lhes é inspirada tão bem nem pelos parentes, nem pela beleza, a riqueza, as dignidades e tudo o mais, como pelo amor¹⁷.

Nessa passagem do diálogo, Fedro traz a importância da relação entre iguais quando regidas pela virtude, pois essa seria a responsável por manter a união e a beleza da amizade entre os cidadãos da *polis* e, assim, não cometerem desmedidas que coloquem os interesses desta em detrimento dos desejos pessoais, portanto, aquele que ama está “destinado” a realizar coisas belas através da prática da virtude.

1.2 POR UMA HISTÓRIA DA SEXUALIDADE

Ao longo do tempo, a ideia de sexualidade sofreu transformações diversas e de grandes proporções. Na antiguidade Clássica, vemos uma sociedade politeísta, onde os conceitos e as interdições eram aplicados conforme a crença. Cada povo adorava seus deuses e os valores vinculados a estes.

Com o surgimento do cristianismo, ocorreram várias mudanças no comportamento da sociedade Ocidental, a partir desse momento quem ditará a moral e os escritos será a Igreja Cristã. Daí é interessante notarmos que as ideias e discussões em torno da sexualidade estão presentes nos embates teológicos cristãos.

A *Sexualidade* é uma noção inventada modernamente, no mundo Ocidental e está ligada a *herança judaico-cristã* que associa às relações sexuais a questão do pecado original

valorização da beleza e as medidas proporcionais. As estátuas adquiriram, além do equilíbrio e perfeição das formas, o movimento. O período Clássico foi marcado pela busca do movimento nas estátuas, para conseguir alcançar melhores resultados começou-se a utilizar o bronze que era mais resistente do que o mármore, assim conseguiram fixar o movimento sem quebrar. Foi também nesse período que surgiu o nu feminino, no período Arcaico, *as figuras de mulher* eram esculpidas sempre vestidas.

¹⁷ PLATÃO. *O Banquete*. Texto grego John Burnet. Trad.: Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: Editora UFPA, 2011. 178c-d.

que aparece no cristianismo, principalmente em Santo Agostinho, que associa o pecado original a culpa herdada por todo o gênero humano devido à queda de Adão e Eva do Paraíso e a consequente descoberta da nudez, portanto, da sexualidade. De acordo com o livro Gênese:

Viu, pois, a mulher que o fruto da árvore era bom para comer e formoso aos olhos e de aspecto agradável; e tirou do fruto dela e comeu; e deu a Adão, que também comeu. E os olhos de ambos se abriram: e, tendo conhecido que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram para si cinturas¹⁸.

Essa passagem bíblica tem por objetivo explicar a origem do *pecado* através do homem, essa narrativa exerceu um papel importante para que a Igreja aumentasse seu poder de controle na Idade Média sobre a vida sexual das pessoas desse período. Santo Agostinho faz essa associação entre o *pecado* e a *culpa* herdada pela humanidade, quando Adão e Eva comeram o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, desobedecendo a Deus, dessa forma, Agostinho aplica um caráter hereditário ao pecado original, pois em Adão toda humanidade pecou, surgindo o mal, a morte física e psicológica.

Em meio a essas questões, o cristianismo tradicional justifica a relação sexual apenas e tão-somente para a reprodução – dentro do casamento –, o protestantismo também compactua com a tradição presente na Bíblia, segundo a qual o homem devia “crescer e multiplicar-se”, dessa forma, qualquer outra forma contrária a esta é recebida como um *pecado contra a natureza*. Os pecados contra a natureza, já nos princípios do cristianismo, incluíam especificamente a bestialidade, a homossexualidade e a masturbação, como escreveu Santo Agostinho ao mencionar o posicionamento da Igreja em relação ao sexo, na obra *Confissões* (III. 8):

Pecados contra a natureza, como o foram os dos sodomitas, não de ser detestados e castigados sempre e em toda parte, pois, mesmo que todos os cometessem, não seriam menos réus de crime diante da lei divina, que não fez os homens para usar tão torpemente de si; de fato viola-se a união que deve existir com Deus quando a natureza, da qual ele é autor, se mancha com a depravação das paixões¹⁹.

Essa doutrina cristã sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo são contrárias àquelas pregadas pelos gregos, acima Agostinho menciona as cidades de Sodoma e Gomorra, nomes que em nossa sociedade passaram a ser empregados para expressar a ideia de

¹⁸ **BÍBLIA SAGRADA**. Trad.: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. Gênesis (3, 6–7).

¹⁹ SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Trad.: J. Oliveira Santos; SJ, A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Livro III. 8.

“perversão”. Nesta passagem, observamos que ele retorna as narrativas bíblicas, que por sinal é uma questão marcante nas obras do mesmo, a fim de debater a questão do pecado contra a natureza e a punição divina para com os pecadores, questão ilustrada nas palavras de Agostinho através da referência a narrativa presente no livro Gênesis 19:24 que relata a história de duas cidades, Sodoma e Gomorra, onde os seus moradores viviam no vício, no pecado contra a natureza: a *Sodomia*, assim “o Senhor fez chover enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra” como punição de seus pecados.

A fala de Santo Agostinho é bastante pertinente para questionarmos diversas posturas rígidas da Igreja Católica, bem como dos seguidores do cristianismo, pois ao afirmar que aquele que pecar contra a natureza sofrerá as consequências, sendo *castigado severamente e detestado* por Deus, a discordância está quando vemos passagens como está presente em Paulo na epístola aos Gálatas (3.28): “*Não há judeu, nem grego, não há servo, nem livre, não há homem nem mulher. Todos vós sois um só em Jesus Cristo*”²⁰, aqui este Deus é capaz de receber todos sem restrições, mas essa aceitação divina só ocorre quando o “pecador” faz as devidas renúncias e segue os ensinamentos presentes na Bíblia, tidos como os *naturais*.

Devo à tua graça e misericórdia teres-me dissolvido os pecados como gelo, como também todo o mal que não pratiquei. De fato, de que pecados não seria capaz, eu que amei gratuitamente o erro? Confesso que todos já me foram perdoados; o mal cometido voluntariamente, e o que deixei de fazer pela tua graça. Quem dentre os homens, conhecendo tua fraqueza, poderá atribuir às próprias forças sua castidade e inocência para amar-te menos, como se tivesse menor necessidade de tua misericórdia, com a qual perdoas os pecados aos que se convertem a ti?²¹

Para Agostinho, o homem caído mesmo tendo seu livre-arbítrio perdeu sua liberdade moral e só terá a liberdade verdadeira através da Graça de Deus, pois tendo herdado o pecado original de Adão se tornou escravo do pecado e não tem como não pecar, o trabalho inicial da graça divina é fundamental para libertar o ser humano dessa escravidão. O homem pode escolher viver longe do pecado coopera do com esta graça, mas somente após o trabalho inicial de redenção, para tanto, o primeiro passo seria o batismo, pois ele seria o caminho para uma vida nova segundo a vontade divina.

²⁰ **BÍBLIA SAGRADA**. Trad.: João Ferreira de Almeida, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. Gálatas(3.28)

²¹ *Ibidem*, Livro II, Capítulo VI.

Como vimos anteriormente, para Agostinho os praticantes de ações que mancham a natureza criada por Deus com as *depravações das paixões* e que, em consequência, estão violando a união destes com o divino, quando renunciarem aos seus pecados buscando a graça divina e buscando viver sempre longe do pecado. Observa-se, assim, que a diferença da cultura grega para o cristianismo é bastante visível, os gregos não consideravam o corpo humano como um “templo” de tentações e pecado que impedem a redenção da alma, oposto a este pensamento, o culto grego admirava o belo, a vida, a natureza, admiravam o corpo e, conseqüentemente, tinham concepções mais abrangentes acerca da sexualidade, e através do emprego de atos e símbolos mágico-sexuais promoviam a fertilidade.

Nesse sentido, escreve Jean Philippe Catonné sobre o uso da terminologia *homossexual* para com as relações entre iguais na Grécia Clássica:

Sejamos mais precisos, melhor que de homossexualidade, deveríamos falar de relações entre pessoas do mesmo sexo. Deveríamos, então, pregar o termo homofilia. De fato, sem exacerbar o sentido do paradoxo, poderíamos até mesmo afirmar que a homossexualidade não existia na Grécia²².

O autor é bastante coerente ao tecer tais considerações, tendo em vista que os termos “*sexo*” e “*sexualidade*” não existiam na Grécia Clássica, logo não podemos tomar as relações de *pederastia* como uma origem explicativa para legitimar a existência das relações homoafetivas na sociedade contemporânea.

Corriqueiramente, buscamos uma compreensão a respeito dos comportamentos sexuais entre pessoas do mesmo sexo na sociedade grega clássica, na tentativa de encontrar respostas para nossos questionamentos imbuídos de valores e vivências que não correspondem às questões presente na antiguidade clássica. Na Grécia, encontramos a relação de pederastia, prática de caráter filosófico e pedagógico, onde os cidadãos envolvidos eram *phíloi* (amigos) entre si, a fim de promover uma coesão social e fazia com que os interesses públicos sobrepusessem os interesses particulares²³. É a partir dessas ideias que passamos a classificar a antiguidade de acordo com nossa compreensão do vocabulário sexual presente em nossa sociedade atual, chegando a afirmar que nesse período já existia a homossexualidade.

Na Grécia, a palavra usada para designar as relações amorosas era *afrodisia*, aquilo que está sob domínio de Afrodite, é o regime que rege os atos e os prazeres, uma arte erótica. Nesta o exercício do prazer está atrelado a uma reflexão ética, aqui o problema não se refere à

²² CATONNÉ, Jean Philippe. **A sexualidade, ontem e hoje**. Trad.: Michèle Iris Koralck, São Paulo, Cortez, 1994, p.34.

²³ THEML, 2005, p. 09-10.

existência de atos que sejam permitidos ou proibidos, mas sim, a intensidade com que cada cidadão é levado a vivenciar os prazeres e desejos. As afrodisias se configuram como um campo de *cuidados de si*, e não como uma questão moral como entendemos hoje, pois:

As reflexões morais na Antiguidade grega ou greco-romana foram muito mais orientadas para as práticas de si, e para a questão da askesis, do que para as codificações de condutas e para a definição estrita do permitido e do proibido²⁴.

Aqui, o exercício da sexualidade não carrega em si um mal ou decadência, como no cristianismo, e sim como algo natural e indispensável, entretanto, mesmo não sendo um mal, pede uma delimitação para fixar até que ponto é conveniente praticá-los.

O uso dos prazeres é constituído em função de diferentes estratégias que permitam obter prazer como convém a *enkrateia* ou “temperança”, ou seja, um trabalho sobre si para alcançar a liberdade, opor-se aos prazeres e desejos sem que se deixe dominar por eles: “Ser livre em relação aos prazeres é não estar a seu serviço, é não ser seu escravo”²⁵.

Desde o século XIX, acredita-se na divisão dos sujeitos em *homossexuais* – palavra usada pela primeira vez em 1896 quando o médico austro-húngaro Karl Maria Kertbeny a usou para argumentar contra a lei rigorosa desfavorável a “Sodomia” na Prússia – bissexuais e heterossexuais. Até então, as relações entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas sodomia²⁶ e era tida como uma prática vergonhosa, a partir da segunda metade do século essas práticas foram estigmatizadas e reconhecidas sob o nome de homossexual, considerada como desvio da *norma*.

Este período foi marcado por campanhas realizadas por médicos, clérigos e pedagogos, a fim de promover programas de educação sexual com bases pseudocientíficas que alertavam a população para os perigos da vida sexual, a sociedade burguesa da época se deparou com informações públicas que traziam a prática da masturbação como uma ameaça para a humanidade, podendo causar doenças físicas e mentais, não demorou muito, a masturbação veio a torna-se caso de saúde pública.

No final do século XIX, a homossexualidade também começou a aparecer nos manuais de medicina e nos processos judiciais. Artigos científicos e diversas pesquisas foram publicados e caracterizavam o comportamento homossexual como uma patologia

²⁴ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque, Rio de Janeiro, Edições Graal, 2009. P.39.

²⁵ Idem, *ibidem*. p. 98.

²⁶ O pecado de sodomia não se refere a uma prática de desvio sexual específica, esta inclui práticas sexuais de distintas ordens. Assim, sodomita pode ser aquele que comete atos ditos como impuros, seja a busca de prazer com animais ou as relações entre pessoas do mesmo sexo, segundo a norma moral vigente.

psíquica, agora além de pecado essas práticas sexuais eram criminosas e seus praticantes passaram a ser apontados enquanto portadores de doenças perigosas.

Esses discursos na medida em que legitimavam e criavam novas categorias tinham o intuito de controlar e até mesmo disciplinar os indivíduos que não estivessem dentro dos padrões de normalidade e racionalidade, como é o caso dos homossexuais. Estes indivíduos eram colocados à margem da sociedade, fator que evidencia a separação entre aquilo que é normal, a heterossexualidade, e a homossexualidade como anormal, assim surge uma *sciencia sexualis* que produziu uma “verdade” sobre o sexo.

No início do século XX, no Ocidente, ainda se vê a reprodução de discursos que pragam o controle e a punição dos vários desvios e vícios, como a homossexualidade, no entanto, nas quatro primeiras décadas do século XX a história da sexualidade vai sofrendo mudanças significativas. Em 1938, Alfred Kinsey iniciou suas pesquisas sobre a sexualidade, publicou a sua obra: “O Comportamento sexual do homem” em 1948, e posteriormente uma obra sobre o comportamento sexual da mulher, estes trabalhos trouxeram grandes contribuições por tratar de condutas até então não mencionadas, e outras que foram tratadas de forma negativa, sobre a homossexualidade, ele buscou desmistificar a ideia de desvio aplicado à mesma e procurou situar o sexo no campo da normalidade.

Além de trabalhos como o de Kinsey, estudos na área das ciências sociais foram de grande importância para se questionar os estigmas que permeiam a homossexualidade e os dogmas da psicanálise responsáveis por fornecer a justificativa médica da perversão homossexual, os cientistas sociais afirmavam que a homossexualidade era socialmente construída pela cultura e pela história, e não por fatores biológicos ou distorções da personalidade. Já no final da década de 1949, o movimento homossexual, e notadamente o movimento feminista, os defensores dos direitos dos negros, as revoltas estudantis ganharam novas roupagens e foram de fundamental importância para por fim a divisão entre a esfera pessoal e a política, essas conquistas se estenderam até a década de 1970 e 1980 quando se assistiu a uma maior liberdade sexual.

O preconceito sexual para com estas relações se intensificou quando na década de 80 surgiram os primeiros casos de AIDS, neste período a doença foi detectada em homossexuais, o que levou a sociedade a associar a doença aos homoeroticamente inclinados, tendo sido denominado de “câncer gay”. Esses fatores levaram ao fim desse período de liberdade sexual e deu início a um período de turbulência que traz significados históricos que passam por

diversas conotações: *anomalía* no discurso médico, *neurose* no psiquiátrico, *perversão* no psicanalítico e *indecência* no senso comum.

CAPÍTULO II

PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS, APROPRIACÕES ANTIGAS

2.1 PEDERASTIA E RELAÇÕES ENTRE IGUAIS NA GRÉCIA ANTIGA:

A instituição da pederastia nas classes mais nobres era tida como fundamental para a formação do cidadão grego, bem como seus praticantes, durante o período clássico, não eram marginalizados, e sim, respeitados por seu papel fundamental no processo de ensinamento dos jovens para que futuramente se tornassem cidadãos virtuosos, diferentemente dos grupos homossexuais contemporâneos, estes compunham a classe mais nobre da polis, pois somente entre os cidadãos e futuros cidadãos de Atenas a pederastia era praticada. Conforme apresentado acima, esse ritual era responsável pela educação dos futuros eupátridas, após a educação básica.

Durante o período clássico, os estudos de filosofia, música, atletismo e poesia desenvolviam-se de forma significativa e os cidadãos foram se aprimorando físico e intelectualmente, porém, nas escolas só eram ministrados ensinamentos fundamentais, como a leitura, ginástica, música e a aritmética, havendo a necessidade de continuidade das práticas educacionais. É nessa questão que se encontra o papel fundamental exercido pelo *erasta*, pois este era o único a deter o direito de ensino do *erômenos*²⁷. Os ensinamentos iam desde noções sobre cidadania, moral, filosofia, política, música até autocontrole – tanto sexual, quanto político –, dentre outros ensinamentos.

Em hipótese alguma o *erômeno* – jovem, filho de pais atenienses e futuro cidadão de Atenas – poderia demonstrar feminilidade ou inclinações para o sexo descontrolado em relação ao seu *erasta*²⁸. Diferentemente de alguns grupos homossexuais contemporâneos, que se vestem de forma afeminada, transformam seu corpo com o uso de hormônio feminino e até mudam de sexo por meio de intervenções cirúrgicas. Um cidadão ateniense, ao se comportar como uma mulher, estaria se sujeitando a uma posição aquém daquela a qual pertencia, rejeitando sua cidadania e seus direitos.

²⁷ SCHÜLLER, 2001, 17.

²⁸ SOUSA, Luana Neres de. **As relações pederásticas em Atenas no período clássico: uma análise do banquete de Platão e de Xenofonte**. Goiânia, 2013. 234p. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2013. [PDF]

Jean-Philippe Catonné diz que “a pederastia é uma sobrevivência de um rito de iniciação”²⁹, segundo Kenneth Dover não se tem uma resposta definitiva na historiografia acerca da origem da pederastia, a tese mais aceita é a que afirma que a mesma tenha se originado no estado militar dos dóricos e se difundido pelo mundo grego.

Nessa sociedade o nascimento era a principal via de acesso ao âmbito civil, entretanto, não era a única. Havia outro meio para se adquirir a cidadania nesse período, trata-se da concessão do privilégio de um estrangeiro tornar-se cidadão caso fosse aprovado por pelo menos seis mil atenienses em voto secreto na assembleia, porém, esta, por sua vez, possuía um caráter excepcional³⁰.

No mundo moderno, entendemos a cidadania como um conjunto de direitos e deveres políticos, sociais e civis aplicados aos indivíduos que integram uma Nação. Todavia, tal conceito sofreu variações ao longo da história. Na sociedade grega, a cidadania era bastante peculiar, sobretudo em Atenas, como já foi dito anteriormente, apenas os eupátridas possuíam direito à cidadania e essa era exercida de forma direta, ou seja, um corpo de cidadãos reunidos em praça pública ou outro local indicado decidia diretamente acerca dos assuntos pertinentes ao Estado.

Na Atenas do século V a.C., a cidadania estava amparada na exclusão, com isso, mulheres, estrangeiros e escravos não tinham direito ao voto na Assembleia. Sobre a questão Mossé afirma que:

Eram, portanto, cidadãos as crianças nascidas de um pai cidadão e de uma mãe filha de cidadão, unidos pelo casamento legítimo. (...) Assim, as mulheres faziam parte da comunidade cívica, mas estavam excluídas da comunidade política³¹.

Diante do exposto acima, pode-se constatar o quanto era importante às relações de *pederastia* nessa sociedade, tendo em vista que a figura masculina ocupou um espaço de destaque em detrimento da mulher que, embora tivesse tido sua importância, de modo geral teve seu papel resumido ao espaço do lar e deveria gerar filhos legítimos que, posteriormente, sendo filhos homens, se tornariam os novos cidadãos da *pólis*. Este contexto já evidencia o quanto era importante às relações entre um cidadão grego e um jovem que viria a se tornar um cidadão, essas relações seriam indispensáveis para a formação do homem grego.

Na época clássica, esperava-se que todos os cidadãos da *pólis* ateniense fossem *phíloi* (amigo) entre si, tanto nas esferas cívicas quanto pública, na esfera pessoal e privada, por

²⁹ A sexualidade ontem e hoje, 1994, p.33.

³⁰ MOSSÉ, 1993, p.43.

³¹ MOSSÉ, Cláude. O cidadão na Grécia antiga. Lisboa: edições 70, 1993. p. 41.

mais que houvesse diferenças de origem, classe, função, os cidadãos eram semelhantes uns aos outros, fator responsável por criar uma unidade na *polis* através da união destes através da relação de *Phília*.

Xenofonte, por meio das palavras de Sócrates, nos mostra que a relação de reciprocidade entre o amado e o amante criava laços de dedicação, devoção e a preocupação, como podemos observar na seguinte passagem:

Como é que aqueles que estão unidos por uma amizade comum não hão-de ser felizes a olhar um para o outro, não hão-de de conversar com carinho, não hão-de confiar e receber confiança, não hão-de de cuidar um do outro, de se alegrar com os sucessos, de se afligir nos desaires, de desfrutar quando estão de saúde e de se encontrar com mais frequência ainda quando um deles está doente, de ter ainda maior cuidado quando estão longe do que quando estão perto? Estas coisas todas fazem parte dos encantos do amor? Fazendo assim, passam a vida toda até à velhice amando a amizade e desfrutando dela³².

Pode-se constatar que, essas relações possuíam, ainda, laços de afeição e intimidade entre os companheiros, os amigos precisavam ser úteis uns aos outros, pois, dessa forma sempre que um precisasse do outro haveria essa troca de favores, uma reciprocidade que estava mais ligada às virtudes de cada cidadão envolvido na relação de *phília* e o cuidar uns dos outros, do que propriamente uma prestação de serviços regulada.

Sendo assim, este vínculo entre os *iguais* substituía as relações hierárquicas de submissão e domínio, logo *até na guerra a Eris, o desejo de triunfar do adversário, de afirmar sua superioridade sobre outrem, deve submeter-se à Philia, ao espírito de comunidade; o poder dos indivíduos deve inclinar-se diante da lei do grupo*³³, desses pensamentos surgiu à lei da *isonomia* onde os cidadãos gregos possuem igual participação no exercício do poder.

Essa relação entre cidadão da pólis, ao mesmo tempo em que promovia certa ordem na sociedade, diversas vezes podia colocar os interesses particulares acima dos interesses públicos, o que acarretaria uma desestabilidade na pólis. Logo, se por um lado estas relações de *phília* (amizade, afinidade) eram positivas devido à manutenção da harmonia entre cidadãos, também poderiam causar conflitos entre: os interesses de amigos *versus* os interesses da pólis; os interesses dos amigos *versus* os interesses dos parentes; os interesses dos amigos *versus* interesses pessoais e os interesses pessoais *versus* as leis em vigor, fator

³² XENOFONTE. **Banquete, Apologia de Sócrates**. Trad.: Ana Elias Pinheiro. Coimbra, Editor: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, ed.1ª/2008. VIII, 18-19.

³³ VERNANT, 1996. p.44.

que comprometia a harmonia política, econômica e desestabilizava as relações entre os cidadãos, sendo condenados como descomedimento, como *hybris*³⁴.

Werner Jaeger afirma em seu livro *Paidéia: A formação do homem grego*³⁵, que a ideia que se tinha da pederastia em Atenas entra em declínio quando as relações de *Philia* são desrespeitadas e seus praticantes perdem a preocupação com a *moral* e a *ética* necessária ao bom desenvolvimento desta relação, rendendo-se aos prazeres do corpo. Foucault irá defender em *História da Sexualidade: O uso dos Prazeres* que esta reflexão moral entre os atenienses não se referia a uma predileção dos cidadãos gregos por homem ou mulher, mas como este era “afetado” pelos prazeres e pelos desejos.

Viver na pólis exigia que cada um priorizasse os interesses coletivos em detrimento dos interesses privados, a partir do momento em que interesses pessoais se sobrepusessem aos da pólis, a relação entre iguais era extremamente criticada, diante deste fato pode-se concluir que a relação de pederastia tinha grande aceitação por se tratar de ritual onde o mais velho (cidadão) transmitia conhecimentos para o jovem que ainda não tinha o status de cidadão, isto se dava por haver a crença nessa sociedade de que os mais velhos eram detentores de grande sabedoria, não tendo grande probabilidade de cederem aos caprichos do prazer banal em detrimento do conhecimento que levaria a formação de um cidadão virtuoso que lutaria pelos interesses da *pólis* não traindo seus semelhantes sendo um político exemplar.

Para fundamentar o discurso referente a não aceitação da *homophilia* dentro da cultura grega, muitas leituras de documentos da época foram realizadas levando em consideração o anseio de comprovar que até mesmo na sociedade grega é possível encontrar pessoas que se opuseram as práticas sexuais de determinados cidadãos na pólis.

É o que acontece quando afirmam que Platão repudiava as relações homoafetivas, mas observa-se em obras como *O Banquete* que o mesmo acreditava que o estreitamento da amizade entre os parceiros fazia com que o *Eros* homoerótico não se caracterizasse apenas por uma união sexual (fato reprovado por Sócrates e Platão por se tratar de uma relação animada exclusivamente pelas alegrias do corpo), mas também, e principalmente por uma união espiritual, esta postura adotada na relação tornava os parceiros mais íntimos.

Sobre o assunto, ainda no *Banquete*, podemos destacar uma fala de Fedro sobre estas relações onde o mesmo diz:

³⁴ *Hybris* é um termo grego que significa o desafio, o crime do excesso e do ultraje. Traduz-se num comportamento de provocação aos deuses e à ordem estabelecida. A *hybris* revela um sentimento de arrogância, de soberba e de orgulho, que leva os heróis da tragédia à insubmissão e à violação das leis dos deuses, da pólis (cidade), da família ou da natureza.

³⁵ JAEGER, 2001, p.729.

De meu lado, não sei de maior bênção para um jovem no começo da vida do que um amante virtuoso, nem para este do que um amigo nas mesmas condições. O que deve servir de norma de conduta para os que se propuserem a viver bela e retamente não lhes é inspirado tão bem nem pelos parentes, nem pela beleza, a riqueza, as dignidades e tudo o mais, como pelo amor³⁶.

Nessa passagem do diálogo Fedro faz referência à importância das relações de *philia* para a formação do homem grego, para que este se torne um cidadão, pois através dela o jovem iria adquirir conhecimentos importantes para exercer seu papel enquanto cidadão ativo da pólis, dessa forma, nas relações de *philia* era importante buscar a sabedoria e a verdade, renunciando aos excessos.

Como exposto anteriormente, os gregos tinham limites que deveriam ser respeitados para que a pederastia fosse socialmente aceita entre seus pares. As normas penais presente na sociedade grega também são utilizadas como provas da negação da homophilia pelos cidadãos gregos.

Diversas vezes, pessoas que defendem os ideais cristãos e conseqüentemente criticam as relações homossexuais presente em nossa sociedade, afirmam que a Grécia possuía leis que proibiam a relação entre pessoas do mesmo sexo (até para fundamentar as leis que na modernidade não aceitam as relações homo juridicamente). Uma das leis da Grécia antiga bastante difundida para fundamentar tal argumentação diz respeito à lei usada contra Timarco, onde este era acusado por Ésquines de prostituição como se pode ver a seguir:

Se qualquer ateniense se prostituir, não terá permissão para se tornar um dos nove arcontes, para exercer qualquer sacerdócio, para atuar como advogado do povo ou exercer qualquer ofício, em Atenas ou outro lugar, por sorteio ou votação; não terá permissão para ser enviado como arauto, para fazer qualquer proposta na assembleia dos cidadãos e em sacrifícios públicos para usar florão, quando todos usarem, para entrar em local de reunião purificado para a assembleia. Qualquer pessoa que, tendo sido condenada por prostituição, desobedecer a qualquer dessas proibições, será condenada à morte³⁷.

Podemos observar que esta lei sancionava uma condenação total ao cidadão que se prostituísse, pois se acreditava que um cidadão que exerce seus direitos políticos e “vende” seu corpo, conseqüentemente não hesitaria em trair a sua “pátria”, sobre a questão afirma Dover:

E não seria correto supor que a revelação do sórdido passado de Timarco bastasse, por si só, para convencer os cidadãos de que Ésquines tinha razão a

³⁶ Platão. 2011, 178c.

³⁷ ARNAOUTOGLU, Ilias. **Leis da Grécia Antiga**. Trad.: Ordep Trindade Serra, Rosiléa Pizarro Carnelós. São Paulo: Odysseus, 2003. p.76.

respeito de Filipe II e Demóstenes não. Decerto o que teve mais peso dentre os atenienses foi a prova de que Timarco estava tentando exercer direitos políticos que, legalmente, estava impedido de exercer, não importando tanto a causa deste impedimento.³⁸

O autor traz uma questão fundamental para os debates em torno das interdições nas práticas homoeróticas na antiguidade grega que tanto são usadas por aqueles que são contrários às relações entre iguais, pois não raras vezes nos deparamos com discursos que afirmam que nesta sociedade muitos não toleravam estas relações por ver nas mesmas uma forma *imoral* de vivenciar os prazeres carnis, quando na verdade, em casos como este de Timarco o que há é uma interdição para que ele não exercesse suas funções políticas, cabendo analisar que nesse período, como já foi mencionado anteriormente, prezavam-se por uma conduta onde os interesses pessoais não sobrepusessem os interesses do grupo, ou seja, da *pólis*.

Nesse caso, estava sendo levado em consideração o fato de um cidadão não ter seguido a decisão de não gozar de seus direitos políticos por ter se envolvido em uma relação onde, supostamente, teria se rendido aos encantos de outro cidadão e traindo os princípios de igualdade entre os *phíloi*, o que implicaria ao entendimento da época que ele estaria suscetível a trair os interesses da *pólis* em nome de suas vontades individuais.

Na relação entre *erastês* e *erômenos*, Platão recomendava que este último só aceitasse um relacionamento mais íntimo quando tivesse certeza que o amante que o cortejava futuramente lhe traria os benefícios que uma amizade nobre deveria lhe proporcionar:

É desonroso entregar-se por maneira baixa a alguém indigno, como é belo ceder decentemente a instancias do amigo de merecimento. Ruim é, justamente, aquele amante vulgar, ou pandêmio, que dedica mais amor ao corpo do que à alma; não é constante, por não ser constante o objeto de sua predileção: no momento em que perde o viço o corpo do amado, ele bate as asas e some, traindo, assim, seus discursos e todas as promessas anteriores. Só conserva a amizade a vida inteira quem ama o caráter nobre, por ser constante em sua afeição e ligar-se ao que é constante. São esses que o costume de nossa terra manda submeter a provas rigorosas, para favorecer uns e fugir de outros. Por isso mesmo, estimula o amante a persistir em suas investidas e o amado a fugir dele, numa verdadeira competição para decidir a qual dos gêneros um e outro pertence³⁹.

³⁸ DOVER, 1994. p. 37.

³⁹ PLATÃO. 2011, 183d-e; 184 a.

No discurso de Pausânias, o filósofo deixa claro que os jovens não deveriam conceder a sua amizade a um amante que estivesse interessado apenas nos prazeres proporcionados pelo corpo, pois estas amizades seriam passageiras, fato que não traria as devidas contribuições, assim, o *erômenos* deveria resistir às investidas de conquista do *erastês*.

Com isso, a *phília* possuía um grande valor na integração do jovem ao universo político da pólis através de sua relação com um cidadão, e o *Eros* homoerótico estava ligado as relações entre o *erastês* e o *erômenos* através do vínculo entre os amigos que prezavam pela amizade e não pela beleza do corpo, assim as relações tornavam-se duradouras.

As relações de *phília* sofreram ressignificações por dois segmentos de nossa sociedade: religiosos e membros da comunidade LGBT, estes grupos buscam por respostas para conflitos que envolvem a questão da homossexualidade em sociedades como a grega e romana, fazendo apropriações das relações entre iguais a fim de aplicar legitimidade aos seus discursos contra ou a favor da homossexualidade.

2.2 INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS:

Quando ativistas do segmento LGBT buscam se apoiarem em pesquisas acerca das relações homoeróticas na antiguidade grega, ou em obras escritas de pensadores da época, a fim de afirmar a existência das relações entre pessoas do mesmo sexo, argumentando que as mesmas eram aceitas e estimuladas pelos gregos, os defensores da moral cristã formulam “novas leituras” dessas fontes para argumentar que as relações homoafetivas não eram aceitas nessa sociedade, tomando como referência as interdições gregas acerca da prostituição por parte de cidadãos da *pólis* e práticas que levassem esse a subjugar-se a um dos seus semelhantes.

Com isso seguidores fundamentalistas do protestantismo e Catolicismo, contrários às relações entre pessoas do mesmo sexo, acusam esses ativistas do movimento LGBT de fazerem leituras tendenciosas com o intuito de desautorizar os discursos pregados pelos defensores dessa moral cristã. O livro “*Homossexualidade Masculina: Escolha ou destino?*” o autor Claudemiro Soares, que se diz “ex-gay”, afirma:

O primeiro aspecto que salta à nossa vista quando estudamos a homossexualidade na Grécia antiga consiste exatamente no fato de que essa palavra nem mesmo existia no idioma daquele povo. Desse modo, como podemos afirmar que havia gregos homossexuais na Antiguidade?⁴⁰

⁴⁰ SOARES, Claudemiro. **Homossexualidade Masculina: Escolha ou destino?** Brasília, Thesaurus, 2008. p.09.

Suas colocações são bastante pertinentes, pois de fato não é prudente aplicar a sociedade grega antiga compreensões e conceitos que fazem parte do contexto de vida contemporâneo, entretanto, analisando sua obra é possível encontrar outra passagem emblemática que proporciona uma melhor compreensão acerca da construção desse discurso sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo, porém, mais adiante o mesmo autor diz o seguinte:

Embora sejam desconhecidos os registros históricos de homossexualismo entre homens de uma mesma idade e status social, existem muitas evidências de que os pederastas recebiam as crianças para educá-las e as enganavam, bem como a seus pais, dizendo-lhes que a penetração anal era o meio mais apropriado para a transmissão e a aquisição da sabedoria. Assim, parece evidente que a prática sexual de muitos gregos da Antiguidade se assemelha ao que atualmente poderia ser chamada de *pedofilia homossexual*⁴¹.

Nessa passagem, o autor diz não haver registros de *homossexualismo*⁴² entre homens de mesma idade ou de mesmo status social no período clássico, entretanto, anteriormente o mesmo chama a atenção do leitor para o uso inadequado de expressões que não fazem parte do período clássico, e ainda anula a possibilidade de ter existido relações entre dois cidadãos gregos, por outro lado, afirma haver “muitas evidências” sobre as relações dos pederastas e “as crianças”, essa afirmativa que passa despercebida é importante, pois dar respaldo aquilo que o autor busca defender mais a frente no seu trabalho.

Dessa forma, Soares menciona a figura do erastes através da nomenclatura *pederasta*, invés de erômenos ele fala em *criança*, e ainda complementa afirmando haver um diálogo onde o primeiro defende a penetração anal como principal método pedagógico, tal leitura não ocorre de forma aleatória, por muitos anos a palavra pederasta foi usada, e ainda é, muitas vezes, para designar aqueles que abusam sexualmente de crianças, assim o autor entende ter alcançado seu objetivo ao desqualificar as relações entre iguais e ainda fazer essa aproximação entre a pederastia e a *pedofilia* numa clara tentativa de formular uma teoria onde os homossexuais seriam *amorais* e até mesmo doentes, tendo em vista que o mesmo usou a

⁴¹ Ibidem, 2008, p.10

⁴² *Homossexualismo* é uma expressão errônea e considerada pejorativa nos dias atuais. O sufixo “ismo” sempre se refere à doença. A homossexualidade foi retirada da lista internacional de doenças no dia 17 de Maio de 1990, por esse motivo o 17 de Maio ficou marcado como dia Internacional contra a homofobia. Em 1973 a *Associação Americana de Psiquiatria* retirou a orientação sexual da lista de transtornos mentais, em 1975 foi a vez da *Associação de Psicologia* adotar a mesma posição. Homossexualidade, transsexualidade é o termo correto que traduz a orientação sexual, ou seja, por quem se sente atração.

palavra *homossexualismo* fazendo menção às relações pederásticas após ter argumentado o uso do mesmo artifício por parte do segmento LGBT em falar de homossexualidade nesse período da história Ocidental.

Caso parecido ocorre no artigo “Mito do Homossexualismo na Grécia Antiga”, aqui o autor afirma que: “Na língua grega antiga as palavras ‘Homo/Heterossexual’ não existiam. Eles usavam o termo ‘Kinaidos’ para descrever ‘homossexuais’ e suas preferências”⁴³, nessa passagem ao mesmo tempo em que se nega a ideia da existência de uma homossexualidade na sociedade grega, usando como argumento a ausência de tal termo nessa sociedade, por outro lado, em nenhum momento usam-se os termos pederastia ao mencionar as relações entre iguais, bem como não usam as nomenclaturas *erastes* e *erômenos* quando fazem referência aos cidadãos envolvidos na pederastia.

No mesmo artigo encontramos a seguinte afirmativa “Atenas tinha as leis mais estritas quanto à homossexualidade do que qualquer democracia que já tenha existido. Na Esparta não democrata, bem como na Creta democrata e no resto da Hélade, houve proibições e punições similares”⁴⁴, o autor fala de uma homossexualidade não aceita e punida no período clássico, a verdade é que não tem sentido usar tais termos quando se trata das relações entre iguais na Grécia Clássica e quanto à pederastia, é importante destacar que os gregos não possuíam em sua cultura uma análise moral nesses termos, o que havia era as *práticas de si* que de acordo com Foucault:

A ênfase é colocada na relação consigo que permite não se deixar levar pelos apetites e polos prazeres, que permite ter, em relação a eles, domínio e superioridade, manter seus sentidos em um estado de tranquilidade, permanecer livre de qualquer escravidão interna das paixões, e atingir a um modo de ser que pode ser definido pelo pleno gozo de si ou pela soberania de si sobre si mesmo⁴⁵.

A pederastia exercia um importante papel para a formação dos jovens que viriam a se tornar cidadãos da pólis, porém, toda conduta que implicasse excessos ou passividade entre o *eraste* e o *erômenos* não eram bem vistas e este último poderia vir a perder o status enquanto cidadão. Condenavam-se os excessos por acreditar que o cidadão sendo dominado pelos prazeres também estaria propenso a sofrer a mesma dominação no campo político-social

⁴³MAROU, H. I. **O Mito do Homossexualismo na Grécia Antiga**. 2007. Disponível em: <<http://www.roberto-cavalcanti.blogspot.com.br/2007/05/o-mito-do-homossexualismo-na-grcia.html>> Acesso em: 28 de Janeiro de 2013

⁴⁴Idem, 2007.

⁴⁵FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984. p.40.

colocando em jogo os interesses dos cidadãos, a passividade era uma característica das mulheres, dos escravos, considerados incapazes de participar ativamente da vida pública da *pólis*, sendo assim, o cidadão não poderia assumir posturas que lhe rebaixasse a categorias consideradas sem valor.

Não é raro encontrar fundamentalistas Católicos, Protestantes e Evangélicos que usam em seu discurso a seguinte afirmativa: “alguns escritores gregos famosos condenaram o homossexualismo como um comportamento contrário à procriação natural”⁴⁶, a fala é do Júlio Severo, assumidamente um ativista protestante contra a homossexualidade. De acordo com Aristófanes:

Os que são cortes de seres masculinos procuram indivíduos do mesmo sexo, e, quando criança, precisamente por serem fragmentos de homem, afeiçoam-se a estes e se comprazem em deitar-se juntamente com eles e em abraça-los. Desse tipo saem os melhores meninos e adolescentes, em virtude do seu natural, eminentemente viril. Há quem os acoime de despidos, porém sem razão. Não é por falta de vergonha que assim procedem; por serem resolutos, corajosos e viris é que procuram ligar-se aos que se assemelham. E a melhor prova, encontramos-la no fato de que são esses, exclusivamente, depois de homens feitos, que se ocupam com os negócios públicos. Quando adultos, afeiçoam-se aos jovens, sem revelarem inclinação natural para o casamento e a procriação de filhos, que só aceitam como imposição legal; contentar-se-iam com passar juntos toda a vida, sempre celibatários⁴⁷.

Nesse trecho do discurso, Aristófanes elogia a honra e a moral daqueles que buscam viver o amor com os rapazes, não sendo tal atitude vergonhosa, mas sim, corajosa e viril. Esse discurso aponta a importância dessas relações para o jovem que virá a participar da vida pública, e quando adultos irão participar da formação de outros rapazes e essa feição fará com quem se estabeleça uma forte união entre os semelhantes no trato da vida pública, e só casaria e teria filhos por imposição, deixando claro como era importante ter filhos legítimos que posteriormente serviriam aos interesses da *pólis*. Dessa forma, Severo realiza uma leitura bastante tendenciosa, aplicando a cultura clássica uma concepção moral cristã da qual ele defende.

A conclusão que chegamos é que se nega a existência de uma homossexualidade na Grécia, mas, a todo o momento usam tais conceitos sempre que se deseja fazer referência à pederastia, seja por falta de um conhecimento mais profundo sobre a cultura grega ou por,

⁴⁶SEVERO, Júlio. **Ao Movimento Homossexual**. Acesso em: 27 de Agosto de 2013. Disponível em: <http://providafamilia.org/doc.php?doc=51884>

⁴⁷ PLATÃO. 2011, 191e - 192b.

intencionalmente, desejar legitimizar seus posicionamentos homofóbico recorrendo a uma sociedade que, muitas vezes, é tida como exemplo de tolerância para com a diversidade sexual, mas agora, apresentando-a como uma repressora dessa diversidade e, assim, desautorizar discursos de ativista do movimento LGBT.

Como se ver, as linhas de argumentação utilizadas por esses grupos religiosos são moldados de acordo com seus interesses. Os discursos são elaborados com a finalidade de promover no ideário da sociedade a existência dessas relações na antiguidade clássica, a fim de usar essa como exemplo de pecado e mostrar como aqueles que foram influenciados por esta cultura foram vítimas da ira de Deus, e assim, tentam despertar nas pessoas o sentimento de culpa e levá-las a buscar a salvação através da renúncia de seus pecados.

Com um discurso semelhante ao de Soares, Mons. João Scognamiglio Clá Dias em seu artigo *A Igreja é imaculada e indefectível* afirma que *aquilo que a imprensa de hoje denomina de pedofilia era largamente praticada no mundo antigo, ao amparo da lei, por influência das religiões pagãs*⁴⁸, este discurso oferece evidências importantes para pensarmos o processo de apropriação de práticas antigas pela contemporaneidade, neste sentido, a fala de Mons. Dias apresenta uma leitura acerca da *homophilia*⁴⁹ grega enquanto uma *pedofilia*⁵⁰.

É importante analisar essa abordagem realizada por Dias, por se tratar de um assunto de bastante repercussão na sociedade atual. Atualmente, muitos debates estão sendo realizados em torno dos casos de exploração sexual de crianças por adultos, em alguns casos pode-se ver nos veículos de comunicação acusações de envolvimento de membros de igrejas cristãs, que pregam discursos contra a pedofilia, homossexualidade, prostituição, ou seja, práticas que divergem dos rituais ditos como naturais tão defendidos por estas instituições. Toda essa conjuntura desperta a necessidade das religiões, principalmente o Catolicismo tendo em vista o envolvimento de Padres em casos de pedofilia, prestarem esclarecimentos acerca desses fatos.

A partir desses fatores surgem diversas indagações sobre o que levaria esses pregadores da palavra de Deus a se envolverem com práticas tão repudiadas pela Bíblia Sagrada, e muitas respostas vêm da própria igreja que, corriqueiramente, retorna a outros períodos da história para justificar a existência de tais práticas e, nesse caso, o cristianismo

⁴⁸ DIAS, João Scognamiglio Clá. **A Igreja é imaculada e indefectível**. São Paulo, 2010. Acesso em: 15 de Fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.arautos.org/desagravo/documento.pdf>>. p. 06

⁴⁹ **Homophilia** - Palavra do grego: *homo* “igual” e *philia* “amigo”, ou seja, amizade entre iguais.

⁵⁰ **Pedofilia** - Perversão sexual, na qual a atração sexual de um indivíduo adulto ou adolescente está dirigida primariamente para crianças.

busca mostrar a influência negativa da religião grega antiga sobre a cultura Ocidental, formulando um discurso que coloca o povo grego como perversos, uma Grécia *amoral*.

Nesse sentido, os discursos são moldados a fim de afirmar a existência da homossexualidade na Grécia Antiga dando ênfase as influências negativas dessa sociedade para outros povos. Esses discursos geram grande estranhamento na sociedade atual, para com as relações pederásticas da Grécia clássica, bem como de outras práticas socioculturais dos antigos, criando no imaginário popular a ideia de que o cristianismo é a religião por excelência, as outras seriam construções do homem para desviar o povo de Deus do verdadeiro caminho, se apoiando na existência de um documento, ou seja, a Bíblia que teria sido escrita pelo messias.

A própria Bíblia traz depoimentos de práticas “sodomitas” tanto no Antigo como no Novo Testamento, a primeira referência às práticas sodomitas consta no livro de Gênesis, quando os habitantes das cidades de Sodoma e Gomorra teriam tentado violentar sexualmente dois anjos com aparência humana.

Segundo a narrativa bíblica, os homens tentavam invadir a casa de Ló, onde os anjos se hospedaram: “e chamaram por Ló e lhe disseram: Onde estão os homens que, à noite, entraram em tua casa? Traze-os fora a nós para que abusemos deles” ⁵¹, acredita-se que os sodomitas entre outros pecados, praticavam a homossexualidade, e assim, tentam justificar a ira de Deus ao destruir as cidades, ainda se justifica que a culpa foi dos Judeus por terem se deixado influenciar pelos costumes pagãos. Outras passagens bíblicas abordam a questão da sodomia: I Romano 14:24, II Judas 1:7, I Coríntios, Levítico 20:13, entre outras, o fato é que o combate na comunidade antiga não significou o fim das práticas ditas como *antinaturais*, hodiernamente, assistimos muitos cristãos fundamentalistas se oporem as relações homossexuais e buscarem novos e velhos argumentos para justificar seus atos de repulsa a essas relações.

Sendo assim, em meio às inúmeras tentativas de se fazer uma história da homossexualidade, seja para aplicar conotações positivas ou denegrir tais práticas, este percurso na historiografia dos Antigos, muitas vezes, resulta em análises permeadas pela analogia e o anacronismo. Nesse sentido, afirmam que a homossexualidade existiu e vai continuar a existir tendo sido praticada em todas as sociedades, em todos os tempos, porém, na Grécia antiga a homossexualidade nunca foi aceita por todos os cidadãos fator que poderia ser facilmente comprovado através do estudo de fontes antigas, mais uma vez a questão da

⁵¹ Gn 19:5

philía no período clássico é fruto de debates que pretendem analisar se há ou não a prática do sexo nessas relações e se essas eram condenadas ou aprovadas, não havendo um comprometimento com os aspectos políticos e filosóficos no qual estas práticas estavam envolvidas.

Dessa forma, torna-se necessária a contextualização das fontes antigas levantando questionamentos que possibilitem pensarmos a relação da contemporaneidade com a Antiguidade, pois obras como a de Colin Spencer fazem referência às práticas socioculturais de diversos períodos utilizando-se do termo *homossexualidade*, o que evidencia o desejo do mesmo de provar que existiam tais práticas em sociedades que, diferentemente da nossa, aceitavam tais práticas sexuais, e, assim, legitimar as lutas do segmento LGBT para que gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, sejam respeitadas e não mais marginalizados.

Para sustentar tais argumentos, recorreremos, novamente, a passagens Bíblicas que as consideram graves depravações, esta afirmativa fica clara quando analisamos as argumentações de um ativista protestante num artigo que pretende esclarecer aos fieis o que é o homossexualismo:

O homossexualismo é condenado pela Bíblia, é pecado abominável aos olhos de Deus (Lv 18.22). A Bíblia chama tal prática de prostituição, porneia, no grego (Jd 7). A palavra de Deus diz de maneira direta e explícita que os “sodomitas e os afeminados”, expressão bíblica para designar “homossexuais”, não herdarão o reino de Deus “Não erreis: nem os devassos, nem os aventos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus” (1Co 6.9, 10). Visto que aqueles que se prostituem não herdarão o Reino de Deus (Gl 5.19-21; Ap 22.15), tal prática não pode ser reconhecida pela Igreja, e nem permanecer no seu rol de membros (1 Co 5.5).⁵²

Observamos que o discurso é organizado de forma a enunciar várias passagens presente na Bíblia que condena as relações entre pessoas do mesmo sexo e aqueles homens que assumirem posturas femininas, ainda fica evidente, uma passagem de Gálatas onde o autor segue uma linha argumentativa onde a prostituição – aqui ele afirma que o termo grego *porneia* presente em Judas (Novo Testamento) estaria designando a palavra *homossexual* – e o que ele chama de homossexualismo, seria uma mesma prática e que, por sua vez, estes não herdariam o reino de Deus.

⁵² CGADB. **Homossexualismo a posição da Igreja contra ele!** Pronunciamento feito no Fórum Convencional promovido pelo 5º ELAD – Encontro de Líderes das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro, 23 a 26 de Agosto de 1999. Disponível em: <artigos.gospelprime.com.br/homossexualismo-a-posicao-da-igreja-contra-ele/>. Acesso em: 12 de Março de 2012.

Encontra-se nesse discurso uma associação entre *prostituição e homossexualidade*, ambos considerados pecados contra a natureza, assim, na medida em que se relaciona com um indivíduo do mesmo sexo também está se prostituindo, ambos chegam a ganhar o mesmo sentido em uma tentativa de afirmar que todo homossexual se prostitui, é promíscuo. Forma como ainda é tratada a homossexualidade na contemporaneidade pelos cristãos radicais, que consideram que se o indivíduo se livrasse da homossexualidade, como consequência, todos os seus pecados também iriam desaparecer. Leitura que, mais uma vez, responde aos interesses do grupo religioso, sem haver o menor comprometimento com as circunstâncias na qual estes textos bíblicos foram inscritos, bem como suas intenções, mas isso não vêm a ser um problema para esses fundamentalistas, pois a intenção é de fato mostrar que apenas a heterossexualidade corresponde ao padrão de normalidade mediante os preceitos divinos.

Observamos que existe um discurso Universal nas Igrejas Católica, Protestantes e Evangélicas, de condenação às relações homossexuais, mas também há casos onde opiniões diferentes surgem no interior destas levando em consideração que o ser humano não é estável, mas sim, está sujeito a mudanças constantes que, por sua vez, vão moldando “novas” realidades sociais. E quando falamos das relações pederásticas não temos como ignorar que Atenas e Esparta tinham suas especificidades no trato com as relações entre iguais, mas ambas acreditavam na importância da mesma para a formação do homem grego e, conseqüentemente, para o âmbito político como bem mostra Vernant:

O que agora é preconizado é um ideal austero de reserva e de moderação, um estilo de vida severo, quase ascético, que faz desaparecer entre os cidadãos as diferenças de costumes e de condição para melhor aproximá-los dos outros, uni-los como os membros de uma só família⁵³.

Aplicar um discurso universalista para tratar da cultura grega, e até mesmo a romana, é cair em anacronismos que dificultam o trato com a cultura helênica. Mas o que de fato interessa nesse debate é comprovar uma superioridade do cristianismo em detrimento da cultura clássica e desautorizar as relações homoafetivas, seja na afirmação de uma *pederastia* enquanto uma homossexualidade aceitável, mostrando um caráter amoral dos gregos antigos, ou apontando possíveis casos onde a mesma foi condenada a partir de uma leitura de fontes da antiguidade sob a influência de questionamentos e concepções ideológicas contemporâneas,

⁵³ *As Origens do Pensamento Grego*, 1996. p.45.

como diz Roger Chartier “é necessário lembrar que todo o texto é o produto de uma leitura, uma construção do seu leitor”⁵⁴.

2.3 MOVIMENTO LGBT:

Em meio às lutas pelo direito a diversidade, é possível encontrar um número cada vez maior de documentos formulados por ativistas e acadêmicos na área do Direito, História, Psicologia e afins, acerca de temáticas que vão desde o combate à homofobia e o casamento civil igualitário até a adoção de crianças por casais homossexuais. Muitas dessas produções são divulgadas em diversos sites e blogs, que, por sua vez, estão ligados a outras comunidades, fator que torna o compartilhamento acessível entre diversos leitores, possibilitando que um número maior de pessoas tenha acesso aos debates que acarretam numa diversidade de opiniões sobre a temática contribuindo com os debates em torno das políticas públicas em favor da diversidade sexual.

Dentre os diversos modelos de discursos que buscam legitimar as relações entre pessoas do mesmo sexo em nossa sociedade, encontramos defensores da diversidade sexual que afirmam a existência de uma homossexualidade na cultura grega clássica. Este aspecto evidencia uma apropriação de conceitos e práticas culturais do período clássico na tentativa de desconstruir a ideia de uma homossexualidade enquanto *opção* e, até mesmo, depravação.

Esses discursos fundamentalistas que são amplamente divulgados por Católicos, Protestantes e Evangélicos condenam a *homossexualidade* e pretendem aplicar a mesma um caráter *amoral*, e como doença, *homossexualismo*, quando apoiados por discursos de profissionais da psicologia imbuídos de preceitos religiosos que ainda hoje são responsáveis por apresentar os homossexuais como depravados.

Na tentativa de explicar a origem, ou apresentar fatos históricos que comprovem aceitação e respeito para com as relações entre pessoas do mesmo sexo em sociedades politeístas, sendo o cristianismo responsável pelo desencadeamento da intolerância social para com essas relações e outras práticas tidas como *pecado contra a natureza*. A obra *Homossexualidade: uma história*, do jornalista inglês Colin Spencer procura resgatar a história da homossexualidade, buscando referência desde a Pré-história, passando pela Antiguidade até os dias atuais, usando o termo “homossexual” para designar qualquer relação de envolvimento entre homens em períodos anteriores à elaboração de tais conceitos.

⁵⁴ **A história Cultural: entre práticas e representações**, 1990, p.61.

Seguindo uma linha de argumentação semelhante, o artigo “A homossexualidade e a sua história” pretende debater a questão das relações homoafetivas a fim de contribuir com as discussões em torno do reconhecimento da união entre pessoas do mesmo sexo enquanto entidade familiar. Os autores Francisco Filho e Daniela Madrid iniciam o debate sobre as raízes históricas da homossexualidade apontando que “a homossexualidade na Grécia Antiga não se atinha ao discurso de pensamentos filosóficos e culto ao belo”⁵⁵, assim, demonstra que estas relações já eram praticadas em outras sociedades e eram aceitas, sendo importante garantir os direitos dessas relações em nossa sociedade.

O escritor e defensor dos direitos a diversidade Arthur Virmond de Lacerda Neto em *História da Homossexualidade* afirma que:

Em Atenas, a homossexualidade achava-se institucionalizada sob forma da relação pederástica, ou seja, de amizade e de educação entre um homem mais velho (erastes) e um adolescente (erômenos), em que o primeiro era aprovado pela família do segundo, a quem servia como amigo e educador, a mera sexualidade desempenhando um papel secundário⁵⁶.

O autor destaca que a prática da homossexualidade estava presente na Grécia Clássica através da pederastia, destacando como a mesma era organizada dentro dessa cultura, entretanto, é importante perceber que a ligação da prática homossexual, as relações de homophilia acontecem de forma a identificar nesse período da história do Ocidente uma aceitação dessas relações a fim de abrir caminhos onde se possa questionar como as relações homoafetivas tornaram-se amorais e repudiadas com o advento do Cristianismo.

No artigo “A Homossexualidade na História: Da Antiguidade ao século XX” Neto destaca o legado deixado pelos gregos antigos para o ocidente, sendo possível localizar em sua fala a importância de retornar a cultura clássica na tentativa de legitimar os discursos contra ou a favor das relações homoeróticas:

O berço da filosofia, terra que nos fez herdar belezas arquitetônicas, foi o celeiro de muitas de nossas ciências e da democracia. Exemplos de homossexualidade na Grécia não são

⁵⁵ FILHO, Francisco; Madrid. **A homossexualidade e a sua história**. Disponível em: <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1646/1569>. Acesso em 28 de Janeiro de 2014.

⁵⁶ NETO, Arthur Virmond de Lacerda. **História da Homossexualidade – Parte II**. Disponível em: www.revistaladoa.com.br/2007/10/para-pensar/historia-homossexualidade-parte-2>. Acesso em: 28 de Janeiro de 2013.

limitados aos mortais, na ficção está a maior demonstração da abertura do pensamento grego sobre o tema⁵⁷.

Enquanto o segmento LGBT e seus simpatizantes buscam enfatizar a importância da cultura grega antiga para a formação da cultura Ocidental, buscam nessa sociedade elementos que comprovem o preconceito e o sentimento de “ódio” alimentado por fundamentalistas religiosos cristãos para com a homossexualidade, destacando a aceitação destas numa sociedade onde a moral cristã não estava presente, onde as crenças e práticas culturais encaravam de forma natural a ponto de seus deuses praticarem tais práticas sexuais.

Por vezes, tenta-se mostrar os deuses gregos em relações homossexuais, numa tentativa de apontar a liberdade dos ritos religiosos nesta sociedade e demonstrar que até mesmo os deuses gregos mantinham relacionamentos homossexuais, como é o caso do suposto relacionamento entre Zeus e Ganimedes: “Digo eu que, até, que, a Ganimedes, Zeus levou-o consigo para o olimpo, não por causa do seu corpo, mas da sua alma, como o próprio nome testemunha”⁵⁸.

Muitas vezes, narrativas como essas são usadas como “pano de fundo” por fundamentalistas religiosos para tentar comprovar a “imoralidade” presente nas sociedades ditas *pagãs*, isso por meio de discurso que prega a repulsa as sociedades politeístas. Mas que, na verdade, estas narrativas pretendem mostrar a beleza presente numa relação em que existem admiração e valorização da alma, e são essas interpretações usadas pelos ativistas LGBT a fim de apontar a beleza das relações entre iguais na sociedade grega antiga.

Nesse íterim, fazendo-se um caminho inverso ao dos conservadores Católicos, Protestantes e Evangélicos, novas leituras da Bíblia são realizadas, assim, contrariando os discursos religiosos que tomam passagens bíblicas como fundamentais para comprovar o caráter imoral das relações entre pessoas do mesmo sexo, os ativistas do movimento LGBT formulam seus discursos a fim de mostrar as incoerências presentes nas interpretações desses fundamentalistas frente às narrativas presentes na Bíblia:

No episódio de Sodoma, os naturais daquela cidade tencionavam praticar o coito anal, como ativos, com os seus visitantes, ao que Lot ofereceu-lhe a sua filha. Deus aniquilou Sodoma não em consequência dos desejos homossexuais dos seus habitantes, porém devido à inospitalidade com que eles

⁵⁷ NETO, Arthur Virmond de Lacerda. **A homossexualidade na história: Da antiguidade ao século XIX**. Disponível em: <www.revistaladoa.com.br/2007/11/noticias/homossexualidade-na-historia-antiguidade-ao-seculo-xix>. Acesso em: 28 de Janeiro de 2013.

⁵⁸ XENOFONTE, **Banquete**, VIII, 30.

trataram os forasteiros, à sua soberba e à sua negligência face aos pobres e indigentes⁵⁹.

Esta passagem mostra uma leitura que pretende assinalar as falhas e tentativas de apontar as relações entre iguais enquanto uma prática condenada pelas narrativas bíblicas, para Luiz Mott, ativista e Historiador, em “O que todo Cristão deve saber sobre homossexualidade” inexistem na Bíblia as palavras homossexuais, lésbicas e homossexualidade, assim, aquelas que apresentarem tais expressões foram mal traduzidas, ele ainda concorda com Neto quanto aos motivos que levaram a destruição de Sodoma e Gomorra, enfatizando que não existem evidências históricas nem arqueológicas da existência dessas cidades e acrescenta:

Prova disto, é que todos os textos que aludem à Sodoma no Antigo Testamento atribuem sua destruição a outros pecados e não ao "homossexualismo": falta de justiça (Isaías, 1:10 e 3:9), adultério, mentira e falta de arrependimento (Jeremias, 23:14); orgulho, intemperança na comida, ociosidade e "por não ajudar o pobre e indigente" (Ezequiel, 16:49); insensatez, insolência e falta de hospitalidade (Sabedoria, 10:8; 19:14; Eclesiástico, 16:8). No Novo Testamento, não há qualquer ligação da destruição de Sodoma com a sexualidade e, muito menos, com a homossexualidade (Mateus, 10:14; Lucas, 10:12 e 17:29). Só nos livros neotestamentários tardios de Judas e Pedro, é que aparece em toda a Bíblia alguma conexão entre Sodoma e a sexualidade (Judas, 6:7, Pedro, 2:4 e 6:10). Mesmo aí, inexistem qualquer referência ao "homoerotismo". Foi só na Idade das Trevas que os católicos passaram a identificar “sodomia” com cópula anal, seja entre pessoas do mesmo sexo, seja de um homem com uma mulher⁶⁰.

Na maioria dos debates presente nas obras de Platão, os maiores questionamentos acontecem quando nas relações de pederastia o erastes comete excessos e torna-se escravo dos prazeres carnis, essa falta de comedimento é que, no pensamento do período clássico, deveria ser condenado por colocar em risco os interesses coletivos, com isso, tanto em Atenas como em Esparta as opiniões acerca das relações pederásticas não eram uniformes, cada região tinha sua concepção. Sobre o assunto Lacerda Neto afirma:

De fato não há registro de que a homossexualidade tenha sido amplamente aceita na Grécia antiga, muito menos que tenha sido encarada como um problema, como acontece nos dias de

⁵⁹ NETO, Arthur Virmond de Lacerda. **História da Homossexualidade – Parte I**. Disponível em: <www.revistaladoa.com.br/2007/10/para-pensar/historia-homossexualidade-parte-i>. Acesso em: 28 de Janeiro de 2013.

⁶⁰MOTT, Luiz. **Homossexualidade: Mitos e Verdades**. Salvador, Editora GGB, 2003, p.101-108. Acesso em: 31 de Dezembro de 2013. Disponível em: <<http://luiz-mott.blogspot.com.br/2006/08/o-que-todo-cristo-deve-saber-sobre.html>>

hoje. A bissexualidade era vista como prova de virilidade e o sexo homossexual apenas como sexo carnal, troca de energias⁶¹.

A verdade é que, não podemos resumir as relações entre iguais a uma questão de preferência sexual, é importante atentar para o fato de essas relações estarem ligadas as diversas questões política, filosófico-cultural da época, não sendo coerente reduzir as mesmas a uma questão sexual. É importante destacar, ainda, que o cidadão manter o casamento fazia parte de uma questão política importante, desses casamentos viriam os filhos legítimos que se tornariam cidadãos responsáveis por defender os interesses da *pólis* e, que se relacionar com mulheres e homens não era é uma questão de bissexualidade e até mesmo de virilidade, mas sim, é comportamento que fazia parte da estrutura social da época, que segundo Jaeger:

O amor por outro ser humano é aqui focalizado à luz do processo de aperfeiçoamento do próprio eu. Essa perfeição só é atingível na relação com um tu, pela qual as forças do indivíduo precisado de complemento se incorporam no todo primitivo e assim possam atuar na sua verdadeira eficácia⁶².

Nesta passagem nota-se que nessa sociedade valorizava-se a amizade entre o erastes e o erômenos, Xenofonte diz que “sem amizade, nenhuma relação vale a pena”⁶³, dessa forma, Platão e Xenofonte demonstram em suas obras que a noção de *philia* não poderia existir exclusivamente para atender aos desejos dos amantes pelos rapazes, pois estes seriam passageiros e sem valor e demonstrava que não existia uma afeição verdadeira pelo jovem.

A revista digital *Grisalhos* oferece um espaço online com conteúdos direcionados para homossexuais maduros, neste espaço consta um texto intitulado “Da pederastia à homossexualidade” faz uma análise de como cada época foi formulando novas formas de expressar as relações homoeróticas, no texto é possível observar como autor traz suas experiências para debater como cada época a partir de suas experiências históricas vai moldando suas formas de expressar e lidar com a questão das relações entre iguais. Numa certa passagem do texto, o autor faz a seguinte observação “O termo pederastia remonta à Grécia antiga e eu me lembro de que no início dos anos 1970 muitas pessoas ainda usavam esse termo. Uma vez um senhor pederasta me perguntou se eu também era pederasta”⁶⁴, neste

⁶¹NETO, Arthur Virmond de Lacerda. **A homossexualidade na história: Da antiguidade ao século XIX**. Disponível em: <www.revistaladoa.com.br/2007/11/noticias/homossexualidade-na-historia-antiguidade-ao-seculo-xix>. Acesso em: 28 de Janeiro de 2013.

⁶²JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: Formação do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.733.

⁶³**Banquete**, VIII, 13.

⁶⁴REVISTA ELETRÔNICA. **Da pederastia à homossexualidade**. Acesso em: 01 de Novembro de 2013. Disponível em: <<http://grisalhos.wordpress.com/?s=Da+pederastia+%C3%A0+homossexualidade>>

caso as relações homossexuais eram denominadas a partir de uma expressão que remonta a uma prática pertencente à cultura grega antiga que foi tomando outras conotações, entre estas, o mesmo autor diz “também, é comum às pessoas confundirem pederasta com pedófilo”⁶⁵ na tentativa de criminalizar as relações entre pessoas do mesmo sexo em nossa sociedade, leituras tendenciosas são realizadas com a finalidade de desautorizar essas relações, desqualificar a cultura greco-romana ao realizarem leituras das práticas pederásticas como uma imposição de poder de homens mais velhos sobre crianças a fim de promover abusos sexuais.

Marisa Lobo, que em seu blog se intitula como *Psicóloga cristã* é uma das defensoras de um tratamento que possibilitaria a “cura gay”, a mesma publicou um texto em seu blog intitulado “Pederastia – homens mais velhos tendo relações com meninos pré-adolescentes (crianças) eram tidas como normais na antiguidade” nele a mesma afirma que:

A história mostra, em minha opinião, uma monstruosidade da “era” ateniense onde os adultos, que controlavam de alguma forma o poder e a religião, praticavam claramente, de forma perversa, uma educação sexual travestida do que chamamos e combatemos hoje de pederastia (homens mais velhos que satisfazem seu prazer sexual com meninos adolescentes), e pedofilia (adulto homem e/ou mulher que satisfazem seu prazer sexual com crianças menores)⁶⁶.

Discursos como estes ganham grandes proporções quando se debate os direitos LGBT, pois levando em consideração o número de pessoas que não têm conhecimento acerca da cultura greco-romana e o número de seguidores do cristianismo, é inevitável que leituras que demarcam opiniões e interesses particulares sejam tomadas como verdadeiros por parcela da população, principalmente se tratando de um período da história do ocidente marcado por leituras que o colocam como *amoral* lugar onde tudo era permitido.

É importante notar que, essas relações de pederastia eram aprovadas pela família, além disso, não era qualquer um que seria o Erastes, o interessado passava pelo crivo de aprovação da família e passava por um ritual de “conquista” onde o Erômenos decidia se aceitava o candidato como *philoí* e educador. Esse processo de aprendizado iniciava quando o jovem tinha 12 anos de idade e chegaria ao fim quando o mesmo tivesse 18 anos, o que não significa que em alguns casos se estendesse por um tempo maior, pois não podemos descartar que

⁶⁵ Ibidem.

⁶⁶ LOBO, Marisa. *Pederastia – homens mais velhos tendo relações com meninos pré-adolescentes (crianças) eram tidas como normais da antiguidade*. Disponível em: <www.marisalobo.blogspot.com.br/2012/07/pedofilia-x-pederastia-homens-mais.html>. Acesso em: 25 de Janeiro de 2013.

nessas relações ocorressem casos onde a ligação do amante e do amado ganhasse significados que fossem além da relação pedagógica.

Entretanto, não era admitido que um cidadão durante o envolvimento com um jovem assumisse posturas que lhe assemelhasse a mulher, um ser passivo, fraco, incapaz de assumir posturas firmes e controlar suas paixões. De acordo com Platão:

Vê-lo-emos procurar um amado franzino e sem musculatura, criado em recintos escuros, não em lugares batidos pelo sol, sem experiência das fadigas másculas e do suor dos exercícios físicos, acostumado a um regime brando e efeminado, e que, por carecer de atrativos naturais, se enfeita com cores e adornos de empréstimo e aplica todo o seu tempo só nisso e em ocupações congêneres⁶⁷.

Os efeminados, bem como seus amantes, estavam desprovidos da sabedoria por estarem mais preocupados com os prazeres da carne e não com a alma. A questão de ativo e passivo, nesse contexto, faz referência à questão da superioridade e subordinação nas esferas política e social, e não propriamente a uma questão de posição sexual como entendemos na sociedade atual⁶⁸.

Diante de tantos discursos que pretendem legitimar posicionamentos individuais ou de um grupo, é importante atentar para o fato de que cada período possui suas particularidades, a sociedade grega antiga, assim como a sociedade contemporânea, não possui um discurso universal, hegemônico, uma verdade absoluta, mas sim, leituras que são realizadas a partir das experiências de cada ator social e o contexto histórico no qual o mesmo está inserido. Como se pode constatar, as apropriações de práticas socioculturais do período clássico são realizadas pelos defensores da diversidade sexual a fim de comprovar não apenas a existência histórica das relações entre pessoas do mesmo sexo, mas pretende legitimar a sexualidade, dita “desviante”, por Católicos e Protestantes conservadores, a partir de exemplos onde essas relações homoeróticas já se faziam presente eram respeitadas por culturas que não possuem os padrões morais baseados nos dogmas Judaico-cristãos que só aceitam uma sexualidade que tenha como finalidade primordial a reprodução através da união entre o *homem* e a *mulher*, alegando que este é o desejo divino desde a criação de Adão e Eva.

A tentativa de provar a intolerância religiosa de fundamentalistas cristãos que em nossa sociedade apresentam a Bíblia como detentora de uma verdade absoluta no trato com a sexualidade, sem que se tenha uma abertura para questionar o contexto histórico das

⁶⁷ PLATÃO. **Fedro**. Trad.: Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: Ed. UFPA, 2011. 239 c-d.

⁶⁸ JAEGER, 1986, p.727.

narrativas bíblicas e o caráter ideológico que permeia as várias traduções já realizadas da mesma durante longos anos, é de fundamental importância para a luta do segmento LGBT, por se tratar de uma ideologia excludente que define e classifica o ser humano de acordo com o sexo do indivíduo, desejando manter uma estrutura patriarcalista que aprisiona as pessoas a um sistema capaz de exercer influência até mesmo sobre os direitos Jurídicos que em um Estado-laico deveria defender o direito do cidadão. É uma segregação absurda que chega a interferir no direito de ir e vir das pessoas, que é garantido pela Constituição, infelizmente, a Bíblia já foi usada para legitimar a escravidão, a misoginia, as guerras santas, o nazismo e, mais uma vez, ela está sendo usada para segregar e calar, com uma política nazista contra os defensores da diversidade sexual.

A bancada evangélica exerce forte influência no jogo “democrático”, o problema não é ser evangélico ou católico, mas levar para dentro do Congresso as interpretações pessoais sobre as narrativas bíblicas e desconsiderar a Constituição, os direitos humanos, provendo uma cultura da prática sexual “verdadeira” a partir de suas crenças.

CAPÍTULO III

RELAÇÕES HOMOAFETIVAS, INTOLERÂNCIA SOCIAL

3.1 ANALISANDO EXPERIÊNCIAS

Para os coletivos religiosos que são contra a diversidade sexual, a ocorrência das relações lésbicas são explicadas através de um discurso em que estas mulheres são tidas como depravadas, sem moral, ou seja, aqui mais uma vez a mulher seria uma espécie de *portão do diabo*⁶⁹ que usa de práticas *amorais* visando o prazer do corpo e, conseqüentemente, ferindo a alma. O posicionamento conservadores sobre estas relações não diferem muito das opiniões que desaprovam a união afetiva entre dois homens, e se tratando de uma sociedade essencialmente patriarcalista que tem suas concepções morais formuladas a partir de pensamentos que expõem a figura feminina como mero objeto sexual, sendo a união entre duas mulheres, por vezes, tida como um fetiche para os homens que as veem como um objeto para alimentar suas fantasias eróticas. Vale ressaltar que, para estes as lésbicas buscam tais relações por não terem encontrado o homem certo para constituir família e a forma mais correta para corrigir tais desvios seria o que muitos grupos chamam de “*penetração corretiva*”⁷⁰.

Essas questões servem para refletirmos acerca das ideias de cunho machista, ainda fortemente presente em nossa sociedade, advindas de uma herança religiosa que prega a intolerância contra toda e qualquer prática que não se enquadre nos moldes do pensamento patriarcalista e gera inúmeras violências físicas e psicológicas, seja sobre a mulher ou homossexuais. Sobre o assunto Júlio Severo, fundamentalista religioso diz:

A eliminação das diferenças entre o sexo masculino e o feminino é extremamente prejudicial à saúde psicológica das crianças. Foi o que notou, por exemplo, certa mãe cuja filha de dez anos voltava da escola com atitudes cada vez mais hostis em relação ao trabalho doméstico como função da mulher. Depois de muito pesquisar, ela acabou descobrindo algo. Na sala de aula, a professora, sem o conhecimento dos pais, apresentava uma boneca e um boneco de papel nu. Os

⁶⁹ Analogia usada por R. Howard Bloch na obra “**Misoginia Medieval e a Invenção do amor Romântico Ocidental**” para explicar o pensamento da Igreja na Idade Média acerca da figura da mulher, que por vezes, era tida como “portão” do diabo quando não seguia os preceitos morais pregado pelo cristianismo e por ser capaz de despertar os prazeres da carne nos homens, ou “esposa de Cristo” quando esta decidia viver uma vida regrada seguindo os ensinamentos cristãos.

⁷⁰ A PENETRAÇÃO CORRETIVA é a denominação usada por homens que acreditam que ao violentarem lésbicas, se apropriando do corpo, mente, dignidade da vítima e acreditando em uma solução para um problema inexistente: A CURA GAY. O conteúdo foi divulgado no endereço: <http://homemdebem.org/penetracao-corretiva-de-lesbicas-cura-gay/>.

estudantes deveriam vestir-lhes uma roupa masculina de trabalho a fim de mostrar que ambos os sexos podem escolher qualquer profissão. Além disso, os livros didáticos só apresentavam figuras opostas aos papéis tradicionais. Como a de um pai dando de mamadeira ao bebê e a de uma mãe trabalhando como bombeira. Tudo feito em nome da “igualdade”⁷¹.

Essa passagem consta num material que pretende dar, como o ator mesmo diz, *Resposta* ao trabalho realizado por ativistas do segmento LGBT intitulado *Verdades sobre a Homossexualidade*. Nesse artigo, Severo pretende comprovar em diversas passagens as contribuições do movimento feminista e, conseqüentemente, a mulher como aquela que liderada o caminho a perversão, a busca da igualdade entre os gêneros estaria dando origem a “uma sociedade onde homens e mulheres ocupam a função do outro e assim perdem a referência bíblica de identidade sexual masculina e feminina”⁷².

Essa figura feminina que ele evoca a partir da Bíblia deve casar, exercer seu papel de esposa, ter filhos e cuidar das responsabilidades do lar, tais pensamentos estão baseados em passagens bíblicas como esta: “A mulher não usará roupa de homem, nem o homem, veste peculiar à mulher; porque qualquer que faz tais coisas é abominável ao senhor, teu Deus”⁷³. Como o movimento feminista vem rompendo com essa “ordem natural da vida” a mulher torna-se alvo das críticas religiosas conservadoras sendo acusadas de subversão sexual e colaborando para o surgimento crescente da homossexualidade na sociedade atual, mas em compensação, está exercendo um papel importante para as conquistas nas lutas pela diversidade sexual.

A homossexualidade por não cumprir com essa ordem natural, ou seja, a reprodução, não é tolerada dessa forma por não ser uma prática que corresponda aos preceitos Divinos, e é motivo de repulsa. Tais questionamentos sobre o aspecto imoral das relações homoafetivas tão disseminados por nossa cultura cristã, ainda possui grande influência sobre os debates políticos e jurídicos, fato este que dificulta a querela, não apenas acerca do casamento civil igualitário, mas, conseqüentemente traz grandes impasses quanto à questão da adoção de crianças por homossexuais no Brasil, e também em muitos outros países. Os debates sobre a *homoparentalidade*, termo criado nos anos 90 por gays e lésbicas para definir suas famílias, compostas por pais e mães *não heterossexuais*, tornou-se objeto de debate e reflexão da

⁷¹SEVERO, Júlio. **Resposta ao Movimento homossexual**. Acesso em: 28 de Fevereiro de 2014. Disponível em: <[www.http://providafamilia.org/doc.php?doc=51884](http://providafamilia.org/doc.php?doc=51884)>.

⁷² Ibidem, loc.cit.

⁷³ Deuteronômio 22.5.

sociedade brasileira, através de frequentes reportagens e matérias na mídia impressa e televisiva, e em inúmeros personagens de novelas, espaço particularmente significativo e representativo dos debates sobre família, afeto e sexualidade no Brasil.

Lamentavelmente, o projeto de lei de Parceria Civil tramita há mais de dez anos no Congresso Nacional e não parece estar na ordem das prioridades do congresso nacional, principalmente quando se trata de um momento político onde a Comissão dos Direitos Humanos, foi presidida em 2013 por um dos maiores fundamentalista cristã da atualidade, o Pastor Marcos Feliciano. Essa imparcialidade que é característica em alguns setores públicos, no Brasil, exerce um papel importante para que muitos projetos de lei que têm por objetivo garantir os direitos civis dos LGBTs, como o casamento civil igualitário e a adoção, não saiam do papel.

Entretanto, a estabilidade do relacionamento entre pessoas do mesmo sexo e o desejo de terem filhos despertam a curiosidade de muitos, que desconfiam de impossibilidade, inadequação, impropriedade dessas relações. Isso ocorre porque maioria da sociedade não aceita o fato da união entre homoafetivos constituir *família*:

Trata-se de usurpação de direitos próprios da família natural, constituída pelo casamento indissolúvel, entre homem e mulher, a família natural é um dogma; é uma imposição da natureza humana, para a estabilidade e o desenvolvimento do individuo e da sociedade⁷⁴.

Esta é uma afirmativa de autoria de Paul Medeiros Krause, Bacharel em Direito e ativista Católico, aqui temos um discurso que ainda preserva a base bíblica que serve de eixo argumentativo para se questionar a constituição de família por casais homossexuais, embora seja importante enfatizar que desde 2008 vem havendo mudanças nesse pensamento dentro da Igreja Católica. Em 2008, Pe. Luís Corrêa Lima, Jesuíta e historiador, já tinha assinalado modificações durante o papado de Bento XVI: “A Igreja de certo modo acompanha a sociedade. João Paulo II tinha uma postura tradicional de forte rejeição. Bento XVI, não mais sob as ordens de seu antecessor, faz restrições moderadas” (LIMA, 2008, p.02). O papa Francisco, que em 13 de Março de 2013 foi eleito Papa, apesar de transparecer mais aberto ao debate sobre as relações homo, ainda não apresentou um discurso plenamente favorável a estas relações, bem como a suas bandeiras de luta.

⁷⁴KRAUSE, Paul Medeiros. **Aspectos Jurídicos e Filosóficos da Revolução Homossexual**. Acesso em: 01 de Janeiro de 2014. Disponível em: <www.sacralidade.com/mundo2008/0099.aspectos.html#TOPO>. Pg. 07

A presença da história da civilização grega clássica nesses discursos é tomada de forma universalista, não respeitando, assim, as particularidades dessa sociedade e conscientemente esses atores sociais projetam no passado as preocupações de nosso presente, devemos transformar a forma como lidamos com este período de nossa história para atender às necessidades do presente, libertando-a das formas que se tornaram anacrônicas. Encontram-se discursos acerca das relações de pederastia que afirmam haver nestas uma prática abusiva por parte dos cidadãos gregos contra os jovens, que futuramente seriam os novos cidadãos da *pólis*, sobre o assunto Mons. João Scognamiglio Clá Dias discorre:

Na Grécia, ocorria como prática legal a corrupção sexual de meninos, mais propriamente chamada de pederastia. Todo homem adulto que não fosse escravo tinha o direito de praticá-la. Tal era o costume também na Pérsia e em outros lugares, onde se mantém através dos séculos. Roma acabou sendo contaminada pelo mal grego, a ponto de vários imperadores procurarem por amantes adolescentes⁷⁵.

Acima temos uma das afirmativas e comparação mais séria realizada por fundamentalistas religiosos como Mons. Dias e, também, o caso de Júlio Severo (Comunidade Sara Nossa Terra), que afirma: “pedofilia é o termo geral que designa o abuso sexual contra meninos e meninas. Pederastia é um termo mais restrito que se aplica somente aos homens que abusam de meninos”⁷⁶, dessa forma, pretende-se desautorizar, mais uma vez, a cultura grega clássica e fortalecer a ideia de que a homossexualidade é um comportamento criminoso, com isso pretende-se fortalecer um viés ideológico de suas Igrejas e desqualificar a homossexualidade aplicando no ideário social que estes possuem condutas *amorais* e *doentias*.

Quando se trata de adoção de crianças por homossexuais, afirma-se que estes casais não teriam uma educação exemplar dentro dos padrões morais defendidos pelo cristianismo, além disso, quem partilha desta opinião defende que essas crianças sofreriam algum tipo de abuso psicológico e até mesmo sexual, isso porque os homossexuais são colocados nesses discursos conservadores, como agentes disseminadores de práticas amorais, como a *pedofilia*, fator que, na opinião desta parcela da sociedade, torna a adoção por homossexuais inviável. Para Maria Berenice Dias:

As relações sociais são marcadas pela heterossexualidade, e enorme é a resistência em aceitar a possibilidade de homossexuais ou parceiros do mesmo sexo habilitarem-se para

⁷⁵ **A Igreja é imaculada e indefectível**, 2010, p. 06.

⁷⁶ SEVERO, 2006, p. 2.

a adoção. São suscitadas dúvidas quanto ao sadio desenvolvimento da criança. Há a equivocada crença de que a falta de referências comportamentais de ambos os sexos possa acarretar sequelas de ordem psicológica e dificuldades da identidade sexual do adotado. É sempre questionado se a ausência de modelo de gênero masculino e feminino pode eventualmente tornar confusa a própria identidade sexual, havendo o risco de o adotado tornar-se homossexual. Também causa apreensão a possibilidade de o filho ser alvo de repúdio no meio que frequenta ou vítima do escárnio por parte de colegas e vizinhos, o que poderia lhe acarretar perturbações psicológicas ou problemas de inserção social.⁷⁷

Com a finalidade de demonstrar os pontos negativos para a educação das crianças, falam de uma Grécia onde nem tudo era permitido e mencionando interdições nas relações de pederastia de forma artificial forçando uma análise a partir de suas convicções religiosas, onde como bem enfatiza Berenice Dias as justificativas para se posicionarem contra a adoção homoafetivas têm como base argumentativa a ausência de modelos que deixem claro para a criança a diferença entre gênero feminino e masculino, do contrário haveria a probabilidade dessa criança torna-se homossexual.

A tentativa de justificar a criminalização das relações homossexuais, ou até mesmo só assegurar seu direito de rejeição a estas relações, retorna-se para a Grécia Clássica para afirmar que nem todos os gregos aprovavam as relações *pederásticas*, aqui o autor mostra uma Grécia onde nem tudo é permitido e com interdições *morais* que refletem o emprego de conceitos e costumes contemporâneos:

A partir do sexto século antes de Cristo, aumentam as referências à homossexualidade na arte e na literatura da Grécia – na poesia de Safo e Anacreonte, na prosa de Platão e nas peças de Ésquilo. Isso não significa que os gregos antigos aceitavam pacificamente tal conduta. Aristóteles, Heródoto, Aristófanes e muitos filósofos cínicos e estoicos posteriores expressaram a sua desaprovação moral de tais práticas⁷⁸.

Ao aplicar às práticas pederásticas, que Matos diz ser “*Homossexualidade*”, a ideia de desaprovação na passagem acima citada, além de desautorizar o discurso dos seguidores pró-diversidade sexual, anulando o caráter científico aplicado aos discursos que afirmam a existência das relações homossexuais na Grécia do período Clássico, pretende transmitir a

⁷⁷ DIAS, Maria Berenice. **Adoção Homoafetiva**. Disponível em: <<http://www.mbdias.com.br/hartigos.aspx?43.11>>. Acessado em 02/02/2014.

⁷⁸ MATOS, Alderi Souza. **A homossexualidade no Ocidente: uma perspectiva Histórica**. Disponível em: <www.mackenzie.com.br/7146.98.html>. Acesso em: 28 de Janeiro de 2014.

população que até mesmo a sociedade grega era contra as relações entre pessoas do mesmo sexo.

Estes argumentos possuem objetivos claros e tornam a relação entre o âmbito jurídico e religioso conflitante, culminando numa diversidade de explicações que refletem “verdades” inerentes as ideologias de cada grupo social, dessa forma o saber dessas instituições vão sendo usados com o objetivo claro de aplicar aos discursos desses segmentos o caráter de científico e verídico.

Desde 2002, foi aprovado o Plano Nacional de Direitos Humanos que previa a criação de um banco de dados em nível Federal, bem como políticas Públicas para erradicar a homofobia, mas ainda não foi tomada nenhuma medida efetiva que contribua para a conscientização da população acerca dos direitos dos homoafetivos. O fato é que a homofobia é uma realidade que faz parte do cotidiano dos homossexuais de muitos países e os danos causados pela intolerância a orientação sexual de gays, lésbicas, transexuais, Transgêneros, é vasta e vão desde traumas causados por agressões verbais até a morte destes a nível nacional e internacional.

Em 2010, o Brasil contabilizou 260 assassinatos, enquanto o México 35 e Estados Unidos 25, dados que ainda não expressam a realidade do Brasil em relação aos casos de violência por homofobia, pois nem sempre as vítimas se sentem seguras para registrar o boletim de ocorrência, seja por receio do agressor se vingar, ou até mesmo devido à homofobia policial ainda frequente nas delegacias, ou por medo de ter sua vida exposta para a sociedade e a conseqüente rejeição da mesma devido aos padrões morais que não respeitam a orientação sexual dos homossexuais, essa omissão além de subnotificar as estatísticas de crimes de ódio, indiretamente, estimula a repetição das mesmas agressões.

A solução para essas questões, segundo discursos de grande parcela das Igrejas que são contra as relações entre pessoas do mesmo sexo se encontra no projeto PDC 234/2011 que o Pastor/Deputado Marcos Feliciano (Presidente da Comissão de Direitos Humanos em 2013) e o Deputado João Campos (PSDB), autor do Projeto, chamam de “Cura Gay”.

De acordo com a ementa do próprio projeto: “Susta a aplicação do parágrafo único do art. 3º e o art. 4º, da Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 1/99 de 23 de Março de 1999, que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual”⁷⁹, sustar este artigo do CFP significa abrir caminho para que Psicólogos colaborem com serviços que proponham o tratamento e cura da homossexualidade, sendo

⁷⁹ Consulta ao Projeto de Decreto Legislativo PDC 234/2011 em: 15 de Dezembro de 2013. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=505415>>.

assim as Igrejas Neopentecostais teriam a oportunidade de oferecer estes serviços. Logo, este e seus seguidores defendem que os indivíduos que se inclinam para esse tipo de relacionamento são portadores do “Homossexualismo”, considerado por estes como doença passível de cura através da fé.

Este discurso que aponta a homossexualidade como uma doença divide atualmente a comunidade psicanalítica em dois grupos: aqueles que não vêm às relações entre iguais como uma doença psicopatológica, e diz que o problema das brigas e tensões atuais encontra-se na sociedade que rejeita os homossexuais; e um segundo grupo que segue a ideia que afirma existir na homossexualidade uma condição imatura psicosssexual sendo passível de tratamento, como representantes desse grupo podemos citar Psicólogos que se dizem cristãos: Marisa Lobo e Rosângela Justino. Estes argumentos, com uma suposta base científica, rebatem as acusações dos segmentos LGBT que faltam argumentações consistentes por parte dos fundamentalistas religiosos quando falam de uma “Cura Gay”.

O fato é que se usam diversos argumentos justificando que tais medidas se fazem necessárias em defesa da família e a liberdade de pensamento, pois estes acreditam que a busca dos LGBT por seus direitos nada mais é que uma tentativa destes implantarem uma espécie de ditadura gay, uma sabotagem aos direitos das crianças e dos adolescentes.

Segundo as ideias pregadas por um pastor da igreja “*Congregação Cristã*” sobre a homossexualidade e a presença de homossexuais nessas Igrejas, observamos que há uma ideia de legitimidade presente nos discursos de autoridades eclesiásticas imposta sobre esta sociedade, entendidas como reguladora das práticas individuais, vindas desde a Idade Média através da obrigatoriedade das confissões e da penitência deixando seu legado até os dias de hoje:

Sanção ou castigo não existe [em relação aos que se declaram ou que se imagina serem homossexuais]. Existe alguma restrição à liberação de representar a Igreja, à liberdade de pregar ou orar e representar a Igreja. Que dizer, não é propriamente uma sanção, o pessoal conversa, e isso tudo em particular. A gente diz assim: “Todo mundo está sabendo que um adúltero ou um homossexual frequenta a igreja”, ou de forma mais direta: “Todo mundo está sabendo aí que você é, você frequenta a igreja, então você não pode se levantar pra pregar, testemunho ou orar representando a Igreja”⁸⁰.

Neste discurso é possível observar que ao assumir sua homossexualidade, o indivíduo não é excluído, mas sofre sanções aplicadas pelo pastor, detentor de uma autoridade que obriga seus fiéis a seguirem posturas que os levem a se redimir dos pecados para alcançar a

⁸⁰ MACHADO, Maria das Dores Campos; PICCOLO, Fernanda Delvalhas (Orgs.). **Religiões e homossexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. P.70.

salvação. Esta é uma opinião que em geral é partilhada por Igrejas Evangélicas que acreditam ser possível torna-se “ex - gay”, na Igreja Mundial do Poder de Deus e na Universal do Reino de Deus, é fundamental o gay se tornar heterossexual ou vai para o inferno, para conseguir se “curar” da homossexualidade os pastores dessas Igrejas acreditam que essas pessoas devem ir ao templo para “tirar o capeta”, pagar o dízimo como forma de retribuição a graça alcançada, e, assim, poderá ocupar cargos, pregar e orar.

O fato é que, o indivíduo homossexual, seja por influência familiar ou por acreditar que a homossexualidade seja de fato uma doença, por vezes, deseja frequentar Igrejas que pregam tais discursos, como é o caso da Igreja Cristã Pentecostal Independente Maravilhas de Jesus, Comunidade Cristã Paz e Vida, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus. São impedidos de participarem de diversos rituais, mas podem frequentá-las a fim de encontrar a cura para sua doença e através dessas *restrições públicas*⁸¹, como assim é o seu pecado, eles tornam-se espelho para tantas outras pessoas que segundo seus discursos teriam se afastado dos caminhos divinos.

Analisando a postura da igreja em relação à prostituição na Idade Média pode-se analisar que, na visão cristã havia a possibilidade de salvação para as prostitutas, mas para que isso acontecesse, elas deveriam mudar por completo seu modo de vida, pois se arrependendo de seus pecados ganharia o perdão divino. Ao adotar esse discurso, a Igreja tinha o intuito de mostrar a bondade divina diante dos ditos pecadores, e, muitas vezes, citavam as graças concedidas a Maria Madalena como exemplo, pois, assim, as prostitutas teriam medo do inferno e procurariam seguir os passos de Madalena.

Não ocorre diferente com os homossexuais nos dias atuais, pois com a organização dos segmentos LGBTs e as lutas para que seus direitos sejam resguardados por lei se intensificando. Essa nova conjuntura tem levado as Igrejas a investirem fortemente no discurso de que a homossexualidade sendo uma *doença* passível de cura é legítima as práticas adotadas por essas Igrejas visando o bem-estar da sociedade segundo os ensinamentos bíblicos, fatores que resultaram na elaboração de cartilhas como a elaborada pelo CACP (Centro Apologético Cristão de Pesquisas) que buscam refutar os argumentos dos ativistas LGBTs quanto à naturalidade de suas sexualidades e apontando passos que devem regenerar esse indivíduo e curá-lo do *homossexualismo*.

⁸¹ Essas restrições ocorrem quando o homossexual tem sua orientação sexual exposta para todos da igreja, e quando sedem aos prazeres, em algumas igrejas são disciplinados, por até três meses afastados de suas funções, como é o caso da Assembleia de Deus.

Existe um discurso oficial dentro das Igrejas Católicas, Protestantes e Evangélicas é claro quando se trata da sexualidade das relações homoeróticas, casamento gay e de qualquer outra prática sexual considerada *desviante*, estes ainda são tidos como *antinaturais*, mesmo que tenhamos exemplos de padres como Luís Corrêa e o bispo alemão Robert Zollitsch, que se declaram a favor do casamento civil dos homossexuais. As Igrejas Protestantes, conhecidas como “Igrejas Inclusivas”, são direcionadas ao público LGBT e voltadas para atender e auxiliar espiritualmente os homossexuais, estas Igrejas vêm crescendo a um ritmo acelerado no Brasil, mesmo com os protestos dos segmentos conservadores, estudos revelam que existem dez diferentes congregações, algumas delas são: Comunidade Cidade de Refúgio (uma das mais conhecidas Igrejas inclusivas do país), Igreja da Comunidade Metropolitana e Igreja Cristã Contemporânea. Mas, é válido mencionar que não são apenas as Igrejas fundadas por homossexuais que pregam a tolerância, como se pode ver em uma reportagem realizada pela VEJA São Paulo: “Desvirar gay para quê? perguntou ao repórter da VEJA São Paulo a obreira Rose Silva, do *Centro de Meditação Cristã*, no Brás, no encontro ocorrido no fim da tarde da última quarta (26). Faça uma oração da libertação para se aceitar, não para se reprimir. Deus ama a todos em sua plenitude”⁸². A igreja Anglicana também é um exemplo.

Hartog quando fala Fustel de Coulanges, diz que para este o objetivo principal da história seria *encontrar fatos e descobrir verdades*, o que só poderia ser obtido através do desprendimento do presente por parte do historiador e da leitura rigorosa dos textos, sem lhes aplicar nenhuma ideia preconcebida, porém, está é tomada em proveito próprio e, dessa forma, usar a mesma como instrumento:

Talvez fosse sensato começar por conhecê-la. Observem nossos jornais, órgão das diferentes opiniões que nos dividem; a história enche metade das colunas, e, para apoiar suas próprias teorias, todos citam a história com uma segurança inabalável, como se ela pudesse sustentar as doutrinas mais contraditórias⁸³.

Aqui a história torna-se uma “arma política” capaz de aplicar maior ou menor credibilidade as ideias e ações advindas de determinados grupos sociais, que na maioria das vezes tecem questionamentos e conclusões imbuídas de anseios particulares, e em nome desse anseio por criar uma verdade que lhes seja útil usam a História sem atentar que essa, por sua vez, deveria prezar pela valorização das particularidades, sendo a missão do historiador

⁸² JÚNIOR, João Batista. **Evangélicos: Vejam como ocorre a suposta “Cura Gay” em templos de São Paulo**. Revista Veja. São Paulo, 06 de Julho de 2013. Acesso em: 10 de Janeiro de 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/vejam-como-se-da-a-suposta-cura-gay-em-igrejas-evangelicas/>>.

⁸³ HARTOG, François. **O século XIX e a História: O caso Fustel de Coulanges**. Trad.: Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. p.303.

problematizar seu objeto de estudo, porém, sempre vemos a memória de muitas civilizações serem usadas em debates e conflitos que envolvem questões políticas e socioculturais, a fim de fortalecer as práticas de determinados grupos de forma indiscriminada.

CONCLUSÃO

O presente trabalho apresentou um debate onde estão polarizados dois vieses ideológicos: coletivos religiosos que defendem padrões morais cristãos e ativistas do seguimento LGBT em defesa da diversidade sexual. Esta polarização ocasionou a produção de uma série de documentos que condenam ou defendem as relações entre indivíduos do mesmo sexo na sociedade contemporânea.

A relação estabelecida por estes grupos evidencia um contexto onde está envolvida a aplicação de significados para a sexualidade e as concepções de direitos humanos, discriminação e, em especial, de *homofobia*. Ambos estão em uma constante busca para estabelecer uma dinâmica entre suas convicções e as produções científicas das diversas áreas do conhecimento a fim de legitimidade aplicando a suas ideias um status científico.

Diante dos debates realizados por estes grupos, percebe-se que há uma apropriação de práticas socioculturais da Antiguidade Helênica e Romana, com o objetivo de aplicar legitimidade aos discursos proferidos, principalmente, acerca da sexualidade Ocidental. A pederastia na Grécia Clássica, sendo um exemplo claro e onde observamos uma inadequação e transposição simplista dos conceitos de homossexual e heterossexual em análises acerca dessas experiências filosófica e pedagógica entre os gregos da época clássica.

Nossa análise partiu do pressuposto de que, no embate quanto à mudança social da sexualidade, ativistas religiosos e dos segmentos LGBT elaboram leituras de obras de autores da Antiguidade grega para fundamentar e legitimar seus discursos, sejam eles contra ou a favor das relações entre pessoas do mesmo sexo, e com todos os avanços dos dispositivos midiáticos, divulgam esses documentos formulados por cada grupo em várias esferas de nossa sociedade atual, seja nos poderes Legislativos, Executivos e Judiciários, instituições de pesquisas e tantas outras esferas.

Se em alguns setores existem gays, lésbicas, transexuais e até mesmo simpatizantes, defensores da diversidade sexual, projetam nas relações entre iguais na Grécia Clássica as convicções e anseios contemporâneos acerca das relações homossexuais pensando nessa prática como um meio legitimador, tendo em vista o importante legado dos helenos para a cultura Ocidental. Enfatizamos que existem discursos dentro do segmento LGBT que afirmam não poder se referir a *pederastia* como uma homossexualidade.

Por outro lado, temos a religião Protestante, Evangélica e Católica que em um primeiro momento afirmam haver uma aceitação por parte dos gregos antigos sobre as relações homossexuais, transmitindo uma ideia onde a civilização grega seria *amoral*, mas

quando estes argumentos são usados pelos defensores da diversidade sexual como meio para justificar a intolerância e homofobia dessas igrejas fundamentalistas em detrimento das práticas culturais e “religiosas” dos gregos, um novo discurso é formulado, de forma a demonstrar através de uma nova leitura das fontes da antiguidade que até mesmo cidadãos gregos repudiavam as relações entre iguais, e esta, por sua vez, eram praticadas apenas por indivíduos pecadores e imorais.

Como se constatou nesse trabalho, assim como há coletivos que organizam os debates político-sociais de gays, lésbicas e transexuais, também existem grupos diversos que desenvolvem ativismo religioso a fim de que suas concepções ideológicas sobre moral sexual sejam referência para as discussões legais e para a definição de políticas públicas.

Nota-se que, assim como o movimento LGBT não é homogêneo, os coletivos religiosos também apresentam esta característica, existindo religiões com linhas de pensamento mais próximas dos debates contemporâneos sobre a diversidade sexual e com as políticas públicas desenvolvidas nos últimos anos nesse campo.

Não faz muito tempo que se questionou a conexão imediatista estabelecida entre identidade e sexualidade, ligação esta que inexistia na Antiguidade greco-romana. Esses debates são mais que um “novo olhar” sobre o passado, mas contribuem para que se questione a divisão dos sujeitos em heterossexuais *versus* homossexuais, instituídos desde o século XIX, o primeiro é considerado *natural e normal* o segundo é visto como *anormal e amoral* por grande parcela de nossa sociedade contemporânea.

Entre os cidadãos helênicos o sexo com outro cidadão ou com uma “mulher” não era suficiente para identificar e até mesmo lhe posicionarem em uma categoria sexual, fatos que ainda é pressuposto pelo senso comum na atualidade, e estas relações de pederastia não eram excludentes com as relações do homem grego com a mulher, logo, não implicava no fim do casamento.

Nesse caso, não havia a ideia de uma preferência hétero ou homo, mas sim, a posição do sujeito como ativo ou passivo parece ser a grande fronteira moral que demarca os indivíduos. Dessa forma, o homem aristocrático e cidadão exerce a função ativa, seja na relação com mulheres ou com homens, nos campos sexual e social. Trata-se de um modelo de virilidade que era definido pelo papel de comando social e de autocontrole emocional e sexual que exigia do cidadão não exercer papéis submissos que eram pertencentes às mulheres e escravos, estes, por sua vez, não estavam de acordo com a norma social estabelecida para as elites.

Integridade física e autodomínio sobre as paixões e a volúpia, características fundamentais para um cidadão grego da época, pois assim acreditava-se não estar suscetível a cometer desmedidas que por ventura poderia colocar em jogo os interesses da *pólis*, respeitar essas premissas resultaria no comando que esse “homem” exerceria sobre a sociedade.

Em meio aos debates, muitos discursos são elaborados a partir do lugar de cada ator social. Chartier nos alerta sobre a necessidade de relacionar cada discurso proferido a posição de quem os utiliza, dessa forma, para cada lugar e momento teríamos uma realidade social construída. Aplicando as noções de “texto” e “leitor” discutidas por Chartier ao processo de apropriação pela qual passa as relações pederásticas em nossa sociedade contemporânea, pode-se afirmar que os segmentos religiosos Católicos, Evangélicos e Protestantes, e ainda o segmento LGBT, elaboram discursos sobre a *homophilia* a partir de suas vivências e ideologias.

Dessa forma, é fundamental problematizar os documentos produzidos por acadêmicos e ativistas LGBT, além de contextualizar as fontes da antiguidade grega a fim de entender como essa sociedade possuía conceitos e práticas que divergem das nossas, mas que trazem grande contribuição frente às problemáticas relacionadas às questões da homossexualidade, pois este passado será tomado como meio legitimador de discursos por homoafetivos, Católicos, Protestantes e Evangélicos radicais, localizando as apropriações de práticas culturais dos antigos a partir de conjunturas distintas daquelas em que foram produzidas – com a finalidade de articular discursos que defendem ou desqualificam as relações entre pessoas do mesmo sexo –, pois, assim, teremos condições propícias de entender essas sociedades a partir de suas experiências políticas, social e cultural.

Enfim, essas são algumas das questões que nortearam a produção desta pesquisa, e que assinalam a importância de ter a compreensão que a sociedade grega antiga possuía uma concepção própria sobre *moral*, por esta ser instável já que sofre influências diversas e, muitas vezes, passa por mudanças radicais onde o imoral pode ser considerado correto em outra época.

BIBLIOGRAFIA

1. ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (Org.). **Sexualidades Ocidentais**. Trad. Lygia Araújo Watanabe, Thereza Christina Ferreira Stummer. Editora Brasiliense. 1987.
2. ARNAOUTOGLOU, Ilias. **Leis da Grécia Antiga**. trad.: Ordep Trindade Serra, Rosiléa Pizarro Carnelós, São Paulo: Odysseus, 2003.
3. BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Trad.: Cláudia Moraes, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 277p.
4. CATONNÉ, Jean-Philippe. **A sexualidade ontem e hoje**. trad.: Michèle Iris Koralck, São Paulo: Cortez, 1994.
5. CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Trad.: Maria Manuela Galhardo, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
6. DOVER, Kenneth James. **A homossexualidade na Grécia Antiga**. Trad.: Luís Sérgio Krausz, São Paulo: Nova Alexandria, 1994. (Coleção questões da nossa época; v. 40).
7. FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de: José Augusto Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
8. HARTOG, François. **O século XIX e a História: O caso Fustel de Coulanges**. Trad.: Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
9. JAEGER, Werner. **Paidéia: A formação do homem grego**. Trad. Artur M. Pereira. Martins fontes. São Paulo, 1986.
10. JONES, Peter V. (Orgs.). **O Mundo de Atenas**. Trad.: Ana Ligia de Almeida Prado, São Paulo, Martins Fontes, 1999.
11. LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Trad.: Marcos Flamínio Peres, 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.
12. SOUSA, Luana Neres de. **As relações pederásticas em Atenas no período clássico: uma análise do banquete de Platão e de Xenofonte**. Goiânia, 2013. 234p. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Programa de Pós-Graduação em História, Goiana, 2013. [PDF]
13. MACHADO, Maria das Dores Campos; PICCOLO, Fernanda Delvalhas (Orgs.). **Religiões e homossexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
15. MAFFRE, Jean Jacques. **A vida na Grécia Clássica**. Trad.: Lucy Magalhães, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003.
- MOSSÉ, Claude. **O cidadão na Grécia antiga**. Lisboa: Edições 70- 1993.

16. OTTO, Walter Friedrich. **Os deuses da Grécia: a imagem do divino na visão do espírito grego.** Trad.: Ordep Serra. São Paulo, Odysseus Editora, 2005.
17. PIRES, Francisco Murari (org.). **Antigos e Modernos: diálogos sobre a (escrita da) história.** São Paulo: Alameda, 2009.
18. RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média.** Trad.: Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
19. SANTO AGOSTINHO. **Confissões.** Trad.: J. Oliveira Santos; SJ, A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
20. SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma história.** Trad.: Rubem Mauro Machado, Rio de Janeiro: Record, 1996.
21. SCHÜLLER, Donaldo. **Eros: dialética e retórica.** 2 ed. São Paulo: Editora da USP, 2001.
22. UZIEL, Anna Paula. **Homossexualidade e adoção.** Rio de Janeiro. Garamond, 2007.
23. VERNANT, Jean-Pierre. **As Origens do Pensamento Grego.** Trad.: Isis Borges B. da Fonseca. 9 ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1996.
24. _____. **Mito e Religião na Grécia Antiga.** Trad.: Joana Angélica D'Avila Melo, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2006.
25. VEYNE, Paul. A homossexualidade em Roma. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (Org.). **Sexualidades Ocidentais.** Trad.: Lygia Araújo Watanabe, Thereza Christina Ferreira Stummer. Editora Brasiliense. 1987, p.43.
26. VRISSIMTZIS, Nikos A. **Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga.** Trad.: Luiz Alberto Machado Cabral, São Paulo, Odysseus, 2002.
27. Consulta ao Projeto de Decreto Legislativo PDC 234/2011 em: 15 de Dezembro de 2013. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=505415>>.

FONTES

1. **BÍBLIA SAGRADA**. Trad.: João Ferreira de Almeida, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
2. CENTRO APOLOGÉTICO CRISTÃO DE PESQUISA. **Homossexualismo**. São Paulo, 2008.
3. CGADB. **Homossexualismo a posição da Igreja contra ele!** Pronunciamento feito no Fórum Convencional promovido pelo 5º ELAD – Encontro de Líderes das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro, 23 a 26 de Agosto de 1999. Disponível em: <artigos.gospelprime.com.br/homossexualismo-a-posicao-da-igreja-contraele/>. Acesso em: 12 de Março de 2012.
4. DIAS, João Scognamiglio Clá. **A Igreja é imaculada e indefectível**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.arautos.org/desagravo/documento.pdf>>. Acesso em: 15 de Fevereiro de 2011.
5. DIAS, Maria Berenice. **Adoção Homoafetiva**. Disponível em: <<http://www.mbdias.com.br/hartigos.aspx?43,11>>. Acessado em 28/01/2014.
6. _____. **Adoção por homossexuais**. Disponível em: <<http://www.mbdias.com.br/hartigos.aspx?40,11>>. Acessado em 28/01/2014.
7. FILHO, Francisco; Madrid. **A homossexualidade e a sua história**. Disponível em: <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1646/1569> Acesso em 28 de Janeiro de 2014.
8. JÚNIOR, João Batista. **Evangélicos: Vejam como ocorre a suposta “Cura Gay” em templos de São Paulo**. Revista Veja. São Paulo, 06 de Julho de 2013. Acesso em: 10 de Janeiro de 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica/vejam-como-se-da-a-suposta-cura-gay-em-igrejas-evangelicas/>>.
9. KRAUSE, Paul Medeiros. **Aspectos Jurídicos e Filosóficos da Revolução Homossexual**. Disponível em: <www.sacralidade.com/mundo2008/0099.aspectos.html#TOPO>. Acesso em: 01 de Janeiro de 2014.
10. LIMA, Corrêa Luís. **A igreja Católica e as uniões homoafetivas**. 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277840705_ARQUIVO_FazGen9-IgrCateunhomo.pdf>. Acesso em: 10 Fevereiro de 2010
11. LOBO, Marisa. **Pederastia – homens mis velhos tendo relações com meninos pré-adolescentes (crianças) eram tidas como normais da antiguidade**. Acesso em: 25 de Janeiro de 2013. Disponível em: <www.marisalobo.blogspot.com.br/2012/07/pedofilia-x-pederastia-homens-mais.html>.
12. MATOS, Alderi Souza. **A homossexualidade no Ocidente: uma perspectiva Histórica**. Disponível em: <www.mackenzie.com.br/7146.98.html> Acesso em: 28 de Janeiro de 2014.

13. MAROU, H. I. **O Mito do Homossexualismo na Grécia Antiga**. 2007. Disponível em: <<http://www.roberto-cavalcanti.blogspot.com.br/2007/05/o-mito-do-homossexualismo-na-gracia.html>>. Acesso em: 28 de Janeiro de 2013.
14. MOTT, Luiz. **Homossexualidade: Mitos e Verdades**. Salvador, Editora GGB, 2003, p.101-108. Disponível em: <<http://luiz-mott.blogspot.com.br/2006/08/o-que-todo-cristo-deve-saber-sobre.html>>. Acesso em: 31 de Dezembro de 2013.
15. NETO, Arthur Virmond de Lacerda. **História da Homossexualidade – Parte I**. Disponível em: <www.revistaladoa.com.br/2007/10/para-pensar/historia-homossexualidade-parte-i>. 2007. Acesso em: 28 de Janeiro de 2013. Mesmo autor obra diferente.
16. _____. **História da Homossexualidade – Parte II**. Disponível em: <www.revistaladoa.com.br/2007/10/para-pensar/historia-homossexualidade-parte-2>. Acesso em: 28 de Janeiro de 2013.
17. _____. **A homossexualidade na história: Da antiguidade ao século XIX**. Disponível em: <www.revistaladoa.com.br/2007/11/noticias/homossexualidade-na-historia-antiguidade-ao-seculo-xix>. 2007. Acesso em: 28 de Janeiro de 2013. Mesmo autor, obra diferente.
18. _____. **A homossexualidade em Platão**. 2007. Acesso em: 28 de Janeiro de 2013. Disponível em: <www.arthurlacerda.wordpress.com/2007/08/12/a-homossexualidade-em-platao/>.
19. PLATÃO. **O Banquete**. Texto grego John Burnet. Trad.: Carlos Alberto Nunes, 3. ed. Belém: Ed. UFPA, 2011.
20. _____. **Fedro**. Trad.: Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: Ed. UFPA, 2011. 239 c-d.
21. REVISTA ELETRÔNICA. **Da pederastia à homossexualidade**. 2012. Disponível em: <<http://grisalhos.wordpress.com/?s=Da+pederastia+%C3%A0+homossexualidade>>. Acesso em: 01 de Novembro de 2013.
22. SEVERO, Júlio. **Padres, pedofilia e homossexualismo: a verdade que ainda não saiu do armário**. 2006. Disponível em: <<http://juliosevero.blogspot.com.br/2006/04/padres-pedofilia-e-homossexualismo.html>>. Acesso em: 15 de Fevereiro de 2011.
23. _____. **Resposta Ao Movimento Homossexual**. Acesso em: 27 de Agosto de 2013. Disponível em: <<http://providafamilia.org/doc.php?doc=51884>>.
24. THEML, Neyde. 2005. **Direito e amizade**. Revista justiça e história. Tribunal de justiça do estado do rio grande do sul. Memória do judiciário gaúcho, vol 02, n.03, p-13. Disponível em: <http://www.tjrs.jus.br/export/poder_judiciario/historia/memorial_do_poder_judiciario/memorial_judiciario_gaucha/revista_justica_e_historia/issn_1676-5834/v2n3/doc/05-Neyde_Theml.pdf>. Acesso em: 10 de Março de 2014.
25. XENOFONTE. **Banquete – Apologia de Sócrates**. Trad. Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Centro de estudos clássicos e Humanísticos, 2008.

26. SOARES, Claudemiro. **Homossexualidade Masculina: Escolha ou destino?** Brasília, Thesaurus, 2008.

27. **Sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras.** Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20051104_istruzione_po.html>. Acesso em: 10 de Março de 2012.

28. TORRES, M. A. **Os significados da homossexualidade no discurso da igreja católica Romana pós-concílio vaticano II: padres homossexuais, tolerância e formação hegemônica católica.** 2005. 200f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte. 2005.